

Departamento de Sociologia

**Experiências de conjugalidade em idade tardia:
Fatores motivacionais assumidos.**

Marta Sofia da Silva Martins

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientador:

**Doutora Sofia Isabel da Costa d'Aboim Inglez, Investigadora Auxiliar
ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**

Coorientador:

**Doutor Pedro e Vasconcelos Coito, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa**

Junho, 2014



Departamento de Sociologia e Políticas Públicas

Experiências de conjugalidade em idade tardia:
Fatores motivacionais assumidos.

Marta Sofia da Silva Martins

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do
Mestre em Sociologia

Orientador:

Doutora Sofia Aboim, Investigadora Auxiliar
ICS – Instituto de Ciências Sociais de Lisboa

Co-Orientador:

Doutor Pedro Vasconcelos, Professor Assistente
ISCTE- IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2014

RESUMO

Embora vejamos um aumento de pessoas idosas a viver mais anos, o estudo do casamento/conjugalidade entre os “velhos” não tem sido uma opção para os investigadores. Os idosos começam a pensar numa alternativa para fazer face à solidão.

Este trabalho tem como tema “As experiências de conjugalidade em idade tardia. Fatores motivacionais assumidos.”, e o seu objetivo global: conhecer quais os motivos que levam os indivíduos, na velhice, a assumir novas conjugalidades. Com os objetivos da investigação pretende-se conhecer e compreender a construção destas novas relações conjugais e quais as modificações sofridas na vida dos idosos com a nova relação conjugal.

A metodologia da investigação centrou-se numa abordagem qualitativa com doze entrevistas, semi-dirigidas, abrangendo diferentes subgrupos de idosos: idosos frequentadores de centro de dia, idosos que residem na sua própria residência sem estarem afetos a qualquer instituição, e idosos que residem em meio rural ou urbano.

De uma forma geral, os resultados da análise dos testemunhos indicam que, as finalidades de uma relação conjugal poderão ser: paixão, companheirismo e sexualidade.

É de salientar, o destaque para o papel instrumental de uma relação na terceira idade. Identifica-se uma preocupação, pelo facto de se estar sozinho e da necessidade, evidenciada, de usufruir de um cuidador para colmatar alguma inexistência de apoio.

Palavras-chave: Idosos, Conjugalidade, Finalidades, Constrangimentos e Género

ABSTRACT

Though we see an increase of senior citizens living longer, the study of marriage/conjugal relationship between the "seniors" has not been an option for researchers. Senior citizens begin to think of an alternative to deal with loneliness.

This work has as subject "*The conjugal experiences in late age. Assumed motivational factors*", and its global purpose is to know the reasons that make the individuals in old age, take on new conjugalities. With the objectives of the research we intended to know and understand the construction of these new marital relationships and what were the changes undergone in the life of the seniors with the new marital relationship in old age.

The methodology of the research has focused on a qualitative approach with twelve interviews, semi-structured, covering different subgroups of seniors: seniors who attend day centers, seniors living in their own homes without being connected to any institution, and seniors living in the rural or urban area.

In general, the results of the analysis of evidence indicate that the purposes of a marital relationship may be: passion, companionship and sexuality.

Pointed out the emphasis on the instrumental role of a marital relationship in elderly. Identifies a concern, by the fact of being alone and the need, evidenced, to enjoy a caregiver to address any lack of support.

Keywords: Seniors, Conjuality, Purposes, Constraints and Gender

ÍNDICE

Resumo	5
Abstract	6
Índice de quadros	
Quadro 1: Caracterização sociodemográfica dos indivíduos do sexo feminino	23
Quadro 2: Caracterização sociodemográfica dos indivíduos do sexo feminino	24
Quadro 3: Caracterização sociodemográfica dos indivíduos do sexo masculino	25
Quadro 4: Caracterização sociodemográfica dos indivíduos do sexo masculino	27
Quadro 5: Análise de conteúdo das entrevistas	66
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – Conjugalidade e velhice	11
1.1. Construção de relacionamentos em idade tardia	11
1.2. Fatores motivacionais vivenciados	12
1.2.1. Solucionar o isolamento	14
1.2.2. Os “velhos” e o sexo	15
1.3. Diferenças de género na velhice	16
1.4. Marginalizar o amor envelhecido	17
CAPÍTULO II – Metodologia de pesquisa	19
2.1. Da problemática às questões de investigação	19
2.2. Técnicas de recolha e análise de dados	20
2.3. Universo e amostra	21
2.4. Caracterização sociodemográfica da população-amostra	22
CAPÍTULO III – Análise e discussão de resultados	27
3.1. Questão 1 – Finalidades do casamento/conjugalidade	27

3.1.1. Romance e paixão	27
3.1.2. Sexualidade: uma loucura mais discreta	30
3.1.3. Companheirismo	34
3.1.3.1. Importância de acarinhar	34
3.1.3.2. Prestação de cuidados/apoio	36
3.1.3.3. Partilhar tempo e, também, recursos/dinheiro	38
3.1.3.4. Escolha do parceiro	40
3.2. Questão 2 – Constrangimentos	41
3.3. Questão 3 – Género	47
3.3.1. Existem diferenças vivenciadas na qualidade e poder no casamento/conjugalidade?	47
3.3.2. Solidão afeta mais o homem ou a mulher?	49
3.3.3. Quem sofre mais com o preconceito?	51
CONCLUSÃO	53
BIBLIOGRAFIA	55
ANEXO A: Guião de entrevistas	59
ANEXO B: Conteúdo das entrevistas	65
CURRICULUM VITAE	73

INTRODUÇÃO

Já o filme dos irmãos Coen dizia que *“Este país não é para velhos”* e, infelizmente, esta também é a realidade em Portugal.

De acordo com os Censos de 2011, na estrutura etária, acentuaram-se os desequilíbrios que já vinham a ser observados em 2001, diminuindo a base da pirâmide populacional (correspondendo à população mais jovem) e alargando o topo com o crescimento da população mais idosa. Podemos dizer que se manteve a tendência de envelhecimento demográfico verificado nos últimos anos. Entre 2001 e 2011, a proporção de jovens (0-14 anos) decresceu de 16,2% para 14,9% e, simultaneamente, verificou-se um aumento da percentagem de idosos (65 ou mais anos) de 16,6% para 19% (INE, 2011).

Por conseguinte, o índice de envelhecimento tem vindo a aumentar ao longo dos anos. Em 1991 encontrava-se no valor de 102,6% e em 2011 nos 127,6%. Em 2013 encontrava-se nos 136% significando que por cada 100 jovens existiam 136 idosos, ou seja, Portugal tem hoje mais população idosa do que jovem (INE, 2011).

Relativamente ao grupo etário dos 65 e mais anos, verifica-se a preponderância das mulheres. De facto existe uma disparidade das taxas brutas de viuvez por sexo: 2,7 por mil homens e 5,8 por mil mulheres, assim sendo, estes dados mostram-nos uma sobremortalidade da população do sexo masculino e uma menor esperança média de vida à nascença dos homens relativamente às mulheres (INE, 2011).

Com a reforma cessa a atividade profissional e, com isso, deduz-se que o “velho” tem como futuro o fim da vida. Não é verdade! O amor, a paixão e a sexualidade não estão condicionados apenas à idade biológica de um indivíduo.

Quando pensamos no amor, vêm-nos à cabeça os filmes românticos de *Hollywood* com casais jovens, bonitos e cheios de vitalidade. Não nos podemos esquecer que a paixão pode não surgir somente nos casais mais adolescentes e nos adultos jovens, mas sim, também nos idosos.

A paixão é um elemento motivacional natural em qualquer pessoa (Barusch, 2008). Nos romances mais maduros, a forte intensidade dos elementos motivacionais tais como a solidão, o desejo, podem proporcionar o início de um novo romance.

O grande desafio deste trabalho é colocar os demais a pensar no amor envelhecimento, nos relacionamentos entre pessoas idosas. A leitura deste trabalho leva a conhecer as várias dimensões do amor; o significado da experiência vivida; para alguns, a oportunidade de ser feliz; o olhar da família e amigos sobre o casamento/conjugalidade dos mais velhos; e o namoro na terceira idade.

Quais serão os motivos que levam os indivíduos, em idade tardia, assumir um novo relacionamento? Será por amor? Será que é por necessidade de ter companhia? Será que é por necessitarem de um cuidador quando têm um estado de saúde frágil?

Com base neste contexto e motivada pela inexistência de estudos acerca desta temática, estabeleceu-se como objeto de estudo as novas experiências de conjugalidade em idade avançada.

Como questão problema, procurou-se identificar os motivos que levam os indivíduos, na velhice, a assumir novos relacionamentos. A partir desta questão foi traçado o objetivo geral de analisar as finalidades do relacionamento através da aplicação de entrevistas.

CAPÍTULO I – VELHICE E CONJUGALIDADE

1.1. Construção de relacionamentos em idade tardia

Coincidentemente com a emergência do interesse pelos padrões da estratificação da idade na sociedade contemporânea, uma grande parte dessa atenção foi para o estatuto do idoso como uma categoria social (Lee, 1984).

O aumento da população idosa por si só é preocupante por se desenvolver num contexto desfavorável a esta faixa etária e, em que a existência de um conjunto de fatores como a diminuição da taxa de natalidade, o crescente aumento de idosos a viverem sozinhos, a crise do Estado Providência, a despersonalização das relações sociais, agravam as condições de vida das pessoas mais velhas (Pimentel, 2001).

De acordo com os Censos de 2011 o número de pessoas idosas a viver com a família diminuiu significativamente de 2001 para 2011, ou seja de 19,6% para 15,8% (INE, 2011). Este fenómeno acompanha o aumento de idosos a viver sós.

Nas sociedades tradicionais, as redes de interação tendiam ser mais fortes e mais frequentemente capazes de garantir um apoio ao idoso, quer em termos materiais quer em termos afetivos (Pimentel, 2001). Não é de estranhar se encontrarmos, em bairros mais antigos e tradicionais, por exemplo na Bica ou em Alfama, na grande cidade de Lisboa, relações de solidariedade baseadas em relações comunitárias entre os residentes destes bairros.

Hoje existem mais idosos que outrora por diversos motivos, um dos quais foi o aumento da esperança média de vida. Viver mais anos pode alterar a forma como o “velho” decide viver o resto dos seus dias. Novas experiências de conjugalidade em idade tardia começam a surgir em consequência destas alterações e, como tal surge o interesse em explorar estes novos relacionamentos.

Esta investigação aborda a explicitação do que neste estudo assume o estatuto de objeto de estudo que se enuncia como as experiências de novas conjugalidades na velhice. É importante saber, e dar a conhecer, sobre qual o papel do amor num relacionamento envelhecimento. Terá a mesma importância quando jovens? Quais os motivos que levam os “velhos” a assumirem um novo relacionamento? Como é vivida,

esta relação, entre paredes? Como a sociedade, a família e amigos encaram esse novo casamento/conjugalidade? Existe diferença, entre o género, na forma de viver uma relação em idade tardia? As mulheres sofrem mais com o preconceito?

Existem diversas maneiras e formas de viver a velhice, quer em termos de condições materiais e de mobilização de apoios, quer na perceção individual como cada um encara a velhice determinando a inexistência de um só caminho para o envelhecimento (Aboim, 2013).

Hoje, o envelhecimento não deve ser associado à inatividade dos “velhos” ou à falta do que fazer. Parte dos idosos de ontem já não são os idosos de hoje! A alteração e rutura com um comportamento conservador em que muitas destas pessoas serviam, para cuidar dos netos ou para prestar apoio à família, originam alterações dos comportamentos dos mais velhos permitindo a abertura de portas a novas experiências amorosas. Ou seja, os novos relacionamentos não acontecem simplesmente, é essencial que o idoso se torne parte ativa da situação (Butler e Lewis, 2002). Além do mais, o envolvimento em atividades lúdicas e, o facto de, explorar novas relações de amizade, pode proporcionar possibilidades de novos relacionamentos.

1.2. Fatores motivacionais vivenciados

Este trabalho assenta na pesquisa do amor em idade tardia e na relação entre ambos. Os corpos tornam-se mais vulneráveis, os futuros mais curtos e os passados longos, contudo a possibilidade de voltar a amar e o desejo de ter um relacionamento íntimo não desaparece de repente (Barusch, 2008).

As relações amorosas são cativantes em qualquer idade, embora a intensidade e a complexidade de um relacionamento aos 80 possa ser diferente que aos 50 anos de idade. Por exemplo, em consequência da idade, o idoso de 70 anos, apaixonado, dispõe de menos tempo para experienciar uma nova história de amor, por isso tenta aproveitar, ao máximo, esta experiência, vivendo-a com uma intensidade maior, pois já não pode deixar para amanhã o que tem que fazer hoje porque, amanhã, pode já não estar presente.

A definição da terceira idade está a mudar (Butler e Lewis, 2002). Não nos esqueçamos do famoso *cartoon* de 2000, no *The New Yorker Magazine*, que nos mostra a esposa a anunciar ao marido: *“Good news, honey – seventy is the new fifty.”*. Nada mais natural. Atualmente, nem sempre uma pessoa com 65 anos não se sente um idoso, não sente que se encontra em fase final da sua vida. Obviamente, pessoas com uma boa saúde sentem-se mais jovens e pessoas que estejam doentes envelhecem mais rapidamente.

De acordo com Robert Butler e Myrna Lewis (2002), infelizmente existem indivíduos que não aprovam o envolvimento de novas relações conjugais dos pais ou avós: *“Many adult children continue to be bound by a primitive childhood need to deny their parents a sex life... I fone parents dies, children may deliberately try to prevent the surviving parent from meeting new friends and potencial new partners in order to protect their inheritance”* (p. 11).

A resistência dos filhos em aceitar a nova união do progenitor, as normas impostas pela sociedade e a sexualidade, em idade tardia, vista como um ato de perversidade, podem criar barreiras que impeçam o ato de assumir um novo relacionamento.

Um dos muitos motivos que leva um indivíduo a casar é, pelo facto, de querer constituir uma família, o desejo de ser pai ou mãe, contudo, atualmente em casamentos/conjugualidades na velhice, o motivo já é bem diferente, a família restringe-se ao casal (Strey e al, 1999). Os filhos já estão crescidos e possuem a sua própria família ou, pelo menos, já saíram de casa, por isso, e com uma maior expectativa de vida, mais recursos disponíveis em alguns casos, o idoso começa a considerar o recasamento uma ótima opção (McKain, 1972). Mas o que é que nós sabemos acerca de relacionamentos e recasamento entre idosos?

Sabemos muito pouco sobre como os idosos encaram a nova relação conjugal nesta faixa etária, como é vivenciada esta experiência, como a família encara esta transição de divorciado ou viúvo para casado e, por último, como poderá afetar a sua identidade. De facto, o novo relacionamento envolve o percurso de vida do idoso, a família e todas as pessoas que fazem parte deste trajeto e, também, a própria sociedade no que diz respeito a padrões tradicionais e conservadores sobre os modelos familiares existentes e sobre os que, agora, começam a surgir.

Apesar de a satisfação conjugal ser, geralmente, alta na terceira idade, a reforma pode trazer benefícios ou custos para a satisfação no relacionamento (Ward, 1993). Aquando da chegada da reforma, muitos idosos vêm reduzir os seus compromissos e a sua tensão com o facto de não terem tempo para se divertir e vêm, também frequentemente, aumentar as oportunidades de conhecer novas pessoas. A reforma revela-se, em alguns casos, um fator positivo para a satisfação conjugal. Contudo, também pode trazer aspetos negativos, nomeadamente, a reorganização dos papéis domésticos no qual a mulher vê o homem como uma ameaça e como uma intrusão no seu espaço (Ward, 1993). Por exemplo, alguns idosos ao observar os seus filhos homens ou o genro a cozinhar, a lavar o chão ou a limpar o pó, pode iniciar uma alteração ao seu comportamento diferenciador entre os papéis/tarefas da mulher e os papéis/tarefas do homem. A mulher, por sua vez, está habituada a tratar das tarefas à sua maneira e quando, por exemplo, a disposição dos objetos e a confeção das refeições é alterada pelo companheiro, podem gerar sentimentos de invasão do seu espaço e, também, sentimentos de desvalorização do seu “trabalho”.

1.2.1. Solucionar o isolamento

Ter companhia é um dos motivos pelo qual os idosos assumem novos relacionamentos, (McKain, 1993). O prazer e a satisfação de ter alguém com quem falar, com quem partilhar as preocupações e as alegrias, com que possa fazer planos, que possa cuidar quando é necessário, não se conseguem encontrar num casual contato social. Alguns idosos necessitam de um companheiro a seu lado. O companheirismo não significa apenas partilhar e cuidar, o idoso gosta de sentir que a felicidade da outra pessoa depende da sua. A necessidade de ser necessário não desaparece nos últimos anos de vida, como é imaginado.

Com as sucessivas mudanças conjunturais do modelo tradicional da família, o sistema de apoio afetivo aos idosos sofre alterações. A mulher sempre foi o maior provedor de cuidados aos idosos contudo, e de acordo com a introdução da mulher no mercado de trabalho e da alteração do seu papel social na sociedade, esses cuidados foram afetados e, conseqüentemente, o idoso deixou de ter amparo (Lefèvre e Mazza, 2004).

Assim sendo, são muitos os benefícios que os idosos retiram ao assumir uma nova relação conjugal. O facto de se usufruir, no casamento/conjugalidade, de cuidados de saúde e apoio afetivo, permite observar uma reduzida taxa de divórcio na terceira idade (Johnson, 1985). Permanecer casado previne a situação de institucionalização na velhice, pois é do marido/mulher que advêm a maior fonte de auxílio, quer emocionalmente quer fisicamente (Johnson, 1985). Muitos dos idosos não gostam de sair de casa onde possuem a privacidade que, possivelmente, iriam perder numa instituição. Para estas pessoas, a autonomia é condição de sobrevivência e bem-estar.

1.2.2. Os “velhos” e o sexo

O companheirismo não é a única razão que leva o “velho” à procura de uma nova relação conjugal, o amor e o carinho também são sentimentos que os idosos vivenciam. São vários os casais que assumem estarem juntos por amor ou por companheirismo mas, são poucos, os que assumem a importância da sexualidade na vida de um ser humano (McKain, 1993).

As pessoas definem-se pela sua sexualidade, seria um pouco difícil definirmo-nos a não ser a partir da sexualidade, entre os homens e mulheres. A sexualidade é uma função do ser humano que está sempre presente, ao longo da nossa vida, pois não se é assexuado aos 65 anos, como também não se é aos 25 ou aos 5 anos (Strey e al, 1999). Por sua vez, o modo como na velhice se vive a sexualidade e os seus desejos, não é comparável a um jovem, são etapas na vida que devem ser experienciadas de maneiras diferentes.

Será que o sexo é importante para os mais velhos? Será que com o avançar da idade, em detrimento do sexo, a amizade começa a ter uma maior importância na vida destas pessoas?

Strey e al (1999) refere que o sexo já não tem a mesma importância, não é um fator crucial da vida sendo substituído pela amizade e pelo companheirismo, contudo não podemos deixar de falar da relevância que tem a sexualidade. Os idosos são induzidos a ausentar-se do terreno sexual e, quando não o fazem, a manifestação de desejo e sensualidade o “velho”, para os indivíduos jovens, é marcada como comportamentos dementes e senis. Estes estereótipos não são apreciados pelos idosos e

muito menos pelas mulheres. Receiam o chavão de velhos gagás que perderam o controlo das suas acções e tornaram-se uns desavergonhados.

Inconscientemente, estes valores culturais são interiorizados pelos idosos que recalcam a sexualidade suprimindo-a intencionalmente. O recalcamto (inconsciente) ou a supressão (pré-consciente) evita que se enfrente o conflito entre os seus desejos, as suas pulsões, e a norma social, atacando a auto-estima dos mais velhos (Vasconcellos e al, 2004).

1.3. Diferenças de género na velhice

A ocasião de iniciar um novo relacionamento na terceira idade está muito ligada à oportunidade representada pela situação demográfica na sociedade atual (Vasconcellos e al, 2004). De facto, a proporção de mulheres é predominante devido à elevada esperança de vida nitidamente superior à dos homens. Esta significativa diferença tende a acentuar-se à medida que a idade vai avançando e, a consequência desta situação, é a diminuição das oportunidades de relações conjugais, ou seja, existe uma limitação de parceiros sexuais.

Ao longo dos anos, e podemos dizer que ainda hoje, o casamento bem-sucedido e bem estruturado é um importante objetivo da maioria das mulheres, assim como ter filhos é a sua maior realização pessoal (Strey e al, 1999).

Na sociedade contemporânea, os valores culturais orientados sobretudo para a juventude tendem a desconsiderar os “velhos” de acordo com a sua aptidão e atração sexual (Vasconcelos e al, 2004). Particularmente, a mulher idosa vivencia o estigma do envelhecimento. Assiste a uma desqualificação social, como por exemplo, a marginalização da sexualidade não reprodutiva pois a maternidade dessexualiza a mulher (Carvalheira, 2007).

De acordo com Amanda Barusch (2008), a terceira idade pode reduzir as diferenças de género no amor, libertando-os de alguns rótulos que são impostos ao homem e à mulher. A mulher preocupa-se menos com a criação dos filhos e os homens estão libertados do estatuto de força.

Os homens viúvos, normalmente, aguardam um ou dois anos antes de voltar encontrar uma nova companheira, já as mulheres viúvas adiam o mais que podem (McKain, 1993). Sem dúvida, que o facto de existir em maior número mulheres viúvas, ou seja, a lei da procura é maior que a oferta e, também, pelo facto de o homem necessitar de uma mulher que cuide das lides domésticas, influencia o tempo de espera de cada indivíduo, quer mulher ou homem (McKain, 1993).

1.4. Marginalizar o amor envelhecido

Porque será, afinal, ainda tão estranho para muitas pessoas quando a paixão envolve a terceira idade?

Idosos que assumam novas relações conjugais, independentemente do seu estado civil, sejam solteiros, divorciados ou viúvos, continuam a ser, para a maioria das pessoas, marginalizados pela sociedade (Watson et al, 2010), não obstante esses processos de discriminação dependerem do meio social, mais ou menos conservador, em que se encontra inserida a pessoa idosa.

As atitudes, por vezes, preconceituosas da sociedade e da família, podem influenciar o comportamento dos idosos, por exemplo: o receio, de os filhos, perderem a herança para uma pessoa que mal conhecem e cujas intenções podem não ser as melhores; o facto de não verem o progenitor como uma esposa ou como um marido, ou seja como uma mulher ou um homem, mas sim, como mãe ou pai; e, por último, muitos dos filhos podem considerar os pais assexuados, ou seja, pessoas despromovidas de funções sexuais que já não têm necessidade de praticá-lo (McKain, 1993).

As atitudes, por vezes, preconceituosas da sociedade influenciam o comportamento dos idosos. Para os indivíduos mais novos, o sexo na terceira idade pode ser uma ideia estranha e, como muitos comportamentos dos idosos são prescritos pelos mais jovens, o idoso pode ser alvo de preconceito acabando por interiorizar esses sentimentos.

A sociedade, em que o idoso está inserido, pode condenar os relacionamentos em idade tardia e conceber que, somente os jovens têm direito a amar e manifestar a sua sexualidade, fixando o “velho” ao amor platónico e à privação sexual. Os mais jovens

podem considerar os pais egoístas por renunciarem ao papel de cuidador dos netos, perversos e nada qualificados para escolher um novo companheiro. Em consequência destes comportamentos, alguns idosos acreditam que já não tem idade para namorar e comportam-se de acordo com o que é “socialmente aceite”, porque só assim podem adquirir a admiração pelos mais jovens. É correto dizermos que a marginalização do idoso é efetivamente um problema cultural.

Também o público, em geral, pode não aceitar a ideia da conjugalidade na terceira idade por acreditar que o casamento e o enamoramento são para os mais jovens.

Os vizinhos e amigos exercem a maior influência para que o casal assuma nova relação (McKain, 1993), mas também podem ser impulsionadores de comentários um tanto ou pouco preconceituosos. Os amigos e vizinhos são uma importante fonte de apoio social sendo, também, importantes as suas opiniões e valores.

As razões porque os idosos procuram um novo amor e se casam novamente é um digno objeto de estudo. Será que os “velhos” apaixonam-se novamente? Será que a solidão incentiva a procura de um novo companheiro? Será que muitos dos constrangimentos identificados na literatura ainda se fazem sentir na atualidade?

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1. Da problemática às questões de investigação

A realização de uma investigação tem sempre por base uma pergunta para a qual as respostas são insuficientes, ou inconclusivas, e que despertam no investigador a curiosidade e o interesse de a tentar resolver e responder.

Na continuidade das questões do estudo, surgem os objetivos de investigação, que demonstram o que se propõe fazer e atingir no decorrer da mesma. Um mais geral, em que se pretende de forma mais global: “Conhecer quais são os motivos que levam os indivíduos, na velhice, a assumir novas conjugalidades”. Ainda outros mais específicos: “Perceber se as finalidades são, na sua maioria, ou por sentimentos de paixão, ou por companheirismo ou necessidade de sexo?”; “Saber se a experiência de conjugalidade, em idade avançada, foi diferente para o homem e para a mulher?”; e, por último, “Perceber se, estes relacionamentos, são alvo de preconceitos e compreender o porquê?”.

No seguimento da pergunta de partida - “Quais os motivos que levam os idosos a assumirem novas conjugalidades?” – organizámos o trabalho de pesquisa de acordo com três grandes problemas:

1. Quais as finalidades que levam os idosos a assumirem uma nova conjugalidade?
2. Que constrangimentos e preconceitos sofrem os idosos?
3. Existe diferença na forma como a mulher e o homem vive a relação conjugal?

Relativamente à primeira questão é de realçar a sua ligação às necessidades afetivas e de apoio. Partimos do pressuposto que o indivíduo, em idade tardia, pode assumir um novo relacionamento conjugal por vários motivos.

Uma delas pode prender-se com o facto de se sentir sozinho, necessitar de se sentir essencial na vida de outra pessoa. Os filhos possuem uma nova família e o

companheiro/a e/ou os filhos são as pessoas primordiais na sua vida, por isso o idoso surge em segundo lugar na vida familiar, sentindo-se desamparado.

O idoso quer sentir-se acompanhado e, com esta questão, podemos refutar ou aceitar a ideia de que as necessidades afetivas são diferentes daquelas que caracterizam pessoas que vivem noutras fases da vida.

Noutro ângulo, destacamos a privatização sexual na velhice. Outrora na família estava tudo normatizado, haviam regras e restrições. A família tradicional caracteriza-se como sendo um esquema de fortíssima codificação social, onde a ideia primordial seria a da sobrevivência do indivíduo, ou seja, a sua reprodução. A sexualidade entre os idosos pode, além ou a par de outras razões, ser uma das motivações para viver a dois.

Uma segunda questão que pretendemos esclarecer, está relacionada com as opiniões dos familiares, dos amigos e vizinhos relativamente à nova situação conjugal. Nesta, partimos do pressuposto que, o idoso sofre algum tipo de constrangimento, ou seja, sofre ou sofreu algum acanhamento e embaraço perante a atitude de desdém de outras pessoas. A ganância e o egoísmo de alguns filhos podem impedir que o pai ou a mãe tenha novas amizades e, possivelmente, parceiros amorosos com o objetivo de proteger a herança.

O receio de preconceito pode apoderar-se do idoso recalando e suprimindo as suas pulsões e desejos em partilhar uma nova vida conjugal.

Uma terceira questão diz respeito à forma como é vivida a experiência. Será que, o género marca diferenças?

Pretende-se esclarecer se, o facto de ser uma idosa teve maior dificuldade em ser aceite, pois, a “validação” social é crucial para todas as pessoas e os idosos não são diferentes.

2.2. Técnicas de recolha e análise de dados

Na presente pesquisa, optou-se por trabalhar com a entrevista semi-diretiva ou semi-dirigida, pois, é a melhor forma de responder às questões em estudo. Com este instrumento os pontos de vista dos sujeitos são mais facilmente expressos num método “mais flexível” em relação a uma situação de entrevista estruturada (Flick, 2005).

A entrevista semidiretiva permite explorar as necessidades dos indivíduos sem que se deixe de direcionar a entrevista no sentido da resposta às questões colocadas inicialmente construindo, assim, interpretações acerca da problemática (Flick, 2005). O objetivo é explorar, ao máximo, as respostas dos entrevistados com o objetivo de obter informações esclarecedoras e enriquecedoras quando questionamos acerca dos fatores que levaram o indivíduo a assumir uma nova relação conjugal em idade tardia.

Uma vez delimitada a população nem sempre é possível, ou sequer útil, reunir informações sobre cada uma das unidades que a compõem (Quivy, 2008), então o mais plausível fazer é selecionar uma amostra.

2.3. Universo e amostra

A amostra construiu-se através de alguns critérios, através de variáveis sociodemográficas: género, idade, estado civil anterior, habilitações literárias, atividades de ocupação de tempos livres, relações familiares e o meio (rural ou urbano) onde o idoso está inserido. Estas variáveis influenciam a construção e a forma como o idoso vive a relação conjugal. O género, o estado civil e a família podem influenciar a tomada de decisão do “velho” assumir ou não o novo relacionamento. Relativamente à freguesia onde reside, seja rural ou urbana e às atividades de ocupação dos tempos livres podem influenciar, positivamente, o nascimento de enamoramento pelo facto de se conhecer novas pessoas. No que se concerne às habilitações literárias e à idade, também, são fatores influenciadores, embora positivamente, da perceção e a forma como é encarada essa nova experiência de conjugalidade em idade tardia.

A amostra é composta por seis homens e seis mulheres do distrito de Évora e Elvas, cuja idade mínima é de 65 anos, a idade institucional da passagem para a terceira idade, e a idade máxima 88. Dos indivíduos do sexo masculino, dois são residentes em meios urbanos e os restantes residem em meio rural. A mesma situação se verifica nos indivíduos do sexo feminino.

A amostra foi constituída de uma forma não probabilística e intencional tendo seguido critérios de seleção que abrangeram diferentes subgrupos de idosos: idosos frequentadores de centro de dia, idosos que residem na sua própria residência sem

estarem afetos a qualquer instituição, e idosos que residem em meio rural ou urbano. A escolha dos locais de seleção esteve dependente da autorização concedida pelos responsáveis pelas instituições (Centros de Dia) e pelos próprios idosos.

Utilizou-se a técnica de amostragem Bola-de-neve. Estabeleceu-se um contato prévio com instituições que foram indicando idosos que estariam a vivenciar um novo relacionamento, e esses idosos indicaram outros indivíduos na mesma situação e assim sucessivamente.

2.4. Caracterização sociodemográfica da população-amostra

A caracterização, desta amostra, pretende dar a conhecer quem são os doze elementos que participaram do presente estudo, fazendo uma breve descrição das características que permitem perceber quem são estas pessoas.

Participante	Idade	Habilitações literárias	Estado civil anterior	Profissão antes da reforma	Residência	Finalidade	Preconceitos
Carina (P1)	68	Licenciatura	Solteira	Enfermeira	Elvas	Paixão	Uma das filhas do marido não aceitou.
Trajectória conjugal							
Nunca namorou, nunca teve uma relação conjugal e não teve filhos. Nunca sentiu necessidade, pois estava sempre rodeada de gente e tinha uma vida muito activa dedicando-se ao trabalho, aos seus pais e a cultos religiosos. Por ser bastante católica, quando se reformou aos 60 anos, pensou em converter-se em freira. Contudo conheceu o marido, aos 64, apaixonou-se e desistiu da ideia. Namorou durante dois meses e casou por registo civil e pelo católico, aos 65 anos. Optou por residir na sua habitação po se sentir mais à vontade com as suas coisas.							
Jesuína (P2)	88	Não sabe ler nem escrever	Solteira	Cozinheira	Valverde – concelho de Évora	Fugir à institucionalização	Inexistência de preconceitos.
Trajectória conjugal							
Nunca casou, não teve filhos e sempre morou com a mãe. Não procurou ter uma relação conjugal com receio de deixar a mãe sozinha. Aos 61 anos foi institucionalizada por não ter outra alternativa. Se não tivesse saído do monte, onde residia, não teria casado pois não mantinha relações de amizade com ninguém por estar isolada. Conheceu o marido, motorista no lar, e como não gostava de residir na instituição, propôs-lhe que fosse para a sua casa aos 73 anos. Casou, por imposição do companheiro, ao fim de dois anos.							
Maria João (P5)	76	Não sabe ler nem escrever	Viúva	Trabalhadora rural	Pavia – concelho de Évora	Solidão	Inexistência de preconceitos.
Trajectória conjugal							
Aquando da viuvez e, devido à solidão que sentia, pela emigração dos filhos, resolveu juntar os trapinhos aos 74 anos. Conheceram-se no Centro de dia e as funcionárias e os utentes ajudaram a dar um empurrãozinho à relação. Decidiram residir na sua habitação por usufruir de melhores condições de acessibilidade.							

Quadro 1 - Caracterização sociodemográfica dos indivíduos do sexo feminino

Participante	Idade	Habilitações literárias	Estado civil anterior	Profissão antes da reforma	Residência	Finalidade	Preconceitos
Margarida (P7)	71	4º ano	Viúva	Costureira	Évora	Paixão	Alguns amigos referem que houve um interesse económico na relação.
Trajectória conjugal							
Vive em união de facto há um ano e meio. Esteve viúva durante 15 anos porque não queria voltar a viver com outro homem. Apaixonou-se pelo companheiro como se de uma jovem se tratasse. Decidiram residir na sua habitação, por não ser capaz de viver na casa da falecida esposa do companheiro. A adaptação foi muito difícil porque teve que alterar a sua rotina. Não contraiu matrimónio por necessitar da pensão de viuvez para viver com maior confortabilidade, mas era um desejo porque envergonha-se de tratar, o companheiro, por namorado.							
Anabela (P10)	73	Não sabe ler nem escrever	Viúva	Trabalhadora rural	Aldeia da Serra – concelho de Arraiolos, distrito de Évora	Paixão	Os filhos do companheiro não aceitaram. Os vizinhos julgam-na por se ter declarado.
Trajectória conjugal							
Esteve viúva durante 15 anos. Quando soube que não poderia ser mãe, foi mal tratada pelo marido. Manteve um casamento, durante 29 anos, por sentir vergonha do divórcio. Desde jovem que conhece o atual companheiro mas, após a viuvez do mesmo, aproximaram-se. Vive em união de facto há quatro anos e é feliz como nunca foi. Decidiram residir na sua casa para que, os filhos do seu companheiro, quando fossem à aldeia, gozassem de uma casa onde pudessem passar uns dias.							
Josefa (P11)	81	Não sabe ler nem escrever	Viúva	Trabalhadora rural	Azaruja – concelho de Évora	Solidão e companheirismo	O filho mais novo do companheiro não aceitou.
Trajectória conjugal							
Esteve viúva três anos e houve algum interesse, por parte de alguns senhores, mas nunca aceitou pois, para os amigos e familiares, não eram “boas pessoas”. Já conhecia o companheiro, mas a aproximação surgiu quando enviuvou e foi viver para perto dos dois filhos. Vive em união de facto há dois anos. Os motivos para ter assumido o novo relacionamento foi o facto de se sentir sozinha, passando as noites desamparada; foi o facto de ter sido provocada pelas amigas; pela aprovação dos filhos, e, por o companheiro ter uma boa imagem perante a população da aldeia. Decidiram morar na casa de Josefa porque o filho, do companheiro, não aceitou a relação e, como o companheiro residia com o filho, tiveram que optar pela sua habitação							

Participante	Idade	Habilitações literárias	Estado civil anterior	Profissão antes da reforma	Residência	Finalidade	Preconceitos
Luís (P3)	71	Não sabe ler nem escrever	Viúvo	Sapateiro	Azaruja – concelho de Évora	Solidão e companheirismo	O seu filho mais novo não aceitou.
Trajectória conjugal							
Após a viuvez durante dois anos, voltou a reencontrar a sua companheira na aldeia onde vivia. Como não gostava de estar sozinho, começou a procurar mulheres respeitosas para juntar os trapinhos. Depois de muitas insistências, a mulher cedeu e já vive em união de facto há dois anos.							
Feliciano (P4)	71	Não sabe ler nem escrever	Separado	Servente	Pavia – concelho de Évora	Solidão e companheirismo	A filha não aceita a relação por pensar que, a atual companheira do pai, vai gastar todo o seu dinheiro.
Trajectória conjugal							
Viveu em união de facto durante pouco tempo e, certo dia, colocou a sua companheira fora de casa por ter relações extraconjugais. Desde a separação, não esteve com outra mulher. Conheceu a sua atual companheira no Centro de Dia que frequentam. Começaram a conversar e depois, por incentivo da filha da companheira que não achava por bem, através de comentários que ouvia, que saltassem de casa em casa de noite, decidiram juntar os trapinhos. Residem na casa da companheira devido a melhores acessibilidades.							
Mariano (P6)	76	4º ano	Viúvo	Estofador	Aldeia da Serra – concelho de Évora	Companheirismo	O filho mais novo do companheiro não aceitou.
Trajectória conjugal							
Ficou viúvo com 66 anos e juntou os trapinhos, com a atual companheira, aos 72 anos. Refere que, se não fosse a companheira a declarar-se, nunca teria partilhado a vida com outra mulher, pois nunca pensou nisso. Diz que, não se juntou com a companheira por se sentir sozinho, a solidão não o incomoda, mas porque, como ela se declarou e eram amigos há anos, desenvolveu-se um carinho especial. Decidiram viver na casa da Almerinda por usufruir de mais espaço para trabalhar a terra.							

Quadro 3 – Caracterização sociodemográfica de indivíduos do sexo masculino.

Participante	Idade	Habilitações literárias	Estado civil anterior	Profissão antes da reforma	Residência	Finalidade	Preconceitos
Edmundo (P8)	81	4º ano	Viúvo	Empregado de mesa	Valverde – Concelho de Évora	Companheirismo e sexualidade	Inexistência de preconceitos.
Trajectória conjugal							
Conheceu a sua atual esposa, enquanto motorista e casado, no lar onde a companheira estava institucionalizada. Separou-se antes de se reformar começou logo a viver em união de facto. Soube que se ia juntar, a sua esposa haverá decidido sem comunicar, pelo director do lar, no dia em que se reformou. Ficou surpreso e aceitou esta situação por ter vergonha de “devolver” a senhora. Quando enviuvou, casou, por registo civil, aos 71 anos por não aceitar viver com uma mulher sem assumir verdadeiramente a relação, casando. Está arrependido de ter refeito a sua vida conjugal, porque não possui uma relação sexual saudável. Indica que o sexo, mesmo com a sua idade, é o aspecto mais importante num relacionamento.							
José (P9)	76	9º ano	Viúvo	Taxista	Elvas	Companheirismo	A filha mais nova não aceita. Não suporta a ideia de ver o lugar da mãe ocupado.
Trajectória conjugal							
Esteve viúvo durante, sensivelmente, um ano. Conheceu a atual companheira enquanto, esta fazia voluntariado no Hospital onde a falecida esposa esteve hospitalizada. Indica que, após, um ano reencontrou-a, no mesmo hospital, e que, por desempenhar tarefas de cariz religioso como ele, interessou-se e decidiu que, aquela mulher, seria a companheira perfeita. O namoro durou 52 dias. Casou, pela segunda vez, por registo e no católico há três anos. Afirma que não nasceu para estar sozinho e foi “feito” para casar. Decidiram residir na casa da atual esposa por, esta se sentir mais à vontade e estar perto da sua família.							
Francisco (P12)	75	4º ano	Viúvo	Pedreiro	Évora	Paixão	Os dois filhos homens não aceitam, mas que anseia que, com o tempo, essa aprovação suceda
Trajectória conjugal							
Esteve viúvo durante pouquíssimo tempo e vive em união de facto há um ano e meio. Apaixonou-se perdidamente pela companheira, e não oficializa a relação para não deixar de receber a pensão de viuvez que lhe proporciona equilíbrio nas contas. Decidiram residir na habitação da companheira por estar no centro da cidade.							

Quadro 4 - Caracterização sociodemográfica de indivíduos do sexo masculino

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

3.1. Questão 1 - Finalidades do casamento/conjugalidade

Foi examinado, através de relatos dos idosos, os vários fatores que levavam, viúvos, divorciados e solteiros a viverem, ou a reviverem, uma nova relação conjugal em idade tardia. Cada testemunho revela-nos uma dimensão desconhecida das relações conjugais, em idade tardia, permitindo-nos conhecer formas de amor e compromisso e, também, visualizar o quanto um indivíduo altera o seu comportamento e a sua vida.

3.1.1. Romance e paixão

Se analisarmos bem as expressões que os próprios participantes referem na pesquisa - *“Tu já viste isto?! Até lê os velhos! Tão malucos da cabeça!”* (Carina, P7) - e se questionarmos, algumas pessoas, acerca do que pensam sobre o amor entre pessoas a partir dos 65 anos, idade institucional da terceira idade, a maioria iria afirmar que não existe.

Esta pesquisa mostra-nos formas diferentes de amar e leva-nos a afirmar que, depois dos 65 anos, o amor existe e é semelhante ao de um casal de jovens. Baseadas nas experiências de amor de pessoas idosas, esta pesquisa oferece-nos a oportunidade de conhecer, e dar a conhecer, quais as possibilidades de uma paixão na vida tardia de um indivíduo. As narrativas encontradas aqui, entre outras coisas, são histórias de amor ousadas - *“E sinto-me feliz! Eu sinto-me feliz. Mas feliz... é mesmo aquela felicidade que eu penso assim: “Agora com a idade que tenho é que eu sinto, é que eu sei o que é o amor e o que é o carinho!”*. (Anabela, P10).

Anabela fala com algum rancor, do seu primeiro marido, por nunca se ter sentido amada - *“Mas, a partir dessa data que ele soube que eu realmente não podia ter filhos, nunca mais... nunca mais foi aquele homem que me desse um apoio, que me desse um carinho, conforme eu tenho. Conforme eu tenho!”*, (Anabela, P10). Agora, sente que encontrou o amor da sua vida - *“Já há quatro anos e vivo muito feliz. Vivo muito feliz, como nunca vivi vinte e nove anos.”*, (Anabela, P10).

Margarida ficou surpreendida com o facto de voltar a apaixonar-se, novamente - *“(...) pelos vistos os velhos também se apaixonam, ah:::. Eu também me apaixonei! Eu*

também me apaixonei.” (Margarida, P7) - depois de quinze anos de viuvez. Nunca tal tinha imaginado – “Foi uma coisa esquisita. Olhe, foi a única pessoa que me despertou foi ele, mas eu nunca tinha pensava em tal.”, (Margarida, P7). A sétima participante, no início, não queria acreditar no sentimento que estava a nascer – “Era como se fosse um casal de jovens, era tão e qual. Era como se fôssemos um casal de jovens só apetecia era agente andar juntos. Sempre juntos! Ainda hoje, a gente só lhe apetece.” (Margarida, P7).

Para Francisco, o que o levou, também, a assumir o novo relacionamento conjugal foi um sentimento de amor avassalador – *“Não se vai admirar, não se vá rir mas posso dizer que foi por paixão. Tive uma paixão extraordinária pela Marta. (...) Eu nunca pensei tar a passar isto.”, (Francisco, P12). Para este participante, o amor levou para além da sua zona de conforto, revelou capacidades e desejos que desconhecia. Desesperadamente enamorado, indica que este entusiasmo pode ser resultante da idade – “Tinha também um grande entusiasmo, talvez agora seja um pouco mais devido à idade. Eu penso que isso tem muito a ver. As pessoas quando são mais velhas, eu penso que, nestas idades, a afectividade é uma coisa excepcional. (...) Quando somos mais velhos, somos mais... como é que eu hei-de dizer, somos mais maricas, maricas no bom sentido (risos). Somos mais... sentimos as coisas de outra maneira.”, (Francisco, P12).*

Para a Maria João, esta relação trouxe um certo romance, carinho e amor que nunca tinha experienciado. Refere que, no primeiro casamento, sofria de maus tratos e que não soube o significado de um carinho – *“Foi, porque ele gostava de mim, eu gostava dele. Ele é muito bom pra mim, muito. Não posso dizer mal dele porque ele é muito bom pra mim. Correu tudo muito bem, porque eu gostava muito dele e ele gostava muito de mim. Gostava que o meu homem fosse assim também. (...) Este dá-me carinho e o outro não dava.”, (Maria João, P5).*

Podemos dizer que estes indivíduos se apaixonaram novamente, que viveram outras experiências com igual, menor ou de maior intensidade. A vantagem de se apaixonar em idade tardia, é possuímos maturidade suficiente para reflectirmos sobre a paixão, sobre aquilo que queremos, aquilo que não vamos suportar, os nossos valores, as nossas necessidades e desejos e a nossa capacidade para amar (Barusch, 2008). Durante essa paixão o indivíduo ama cegamente, estando demasiado ocupado para ver o

outro por detrás da projeção fantasiosa da amada. É difícil manter este *ecstasy* quando os aspetos mundanos começam a assumir uma maior importância no percurso de vida de cada um de nós, como por exemplo: pagar a renda de casa, a criação dos filhos, os anos de casado, etc. Como Francisco afirma: ” *Talvez porque não tem aqueles anos como muitos casais... muitas vezes, perdem o interesse.*” (Francisco, P12). De acordo com os neurocientistas, este sentimento alucinante começa a esvanecer-se e a transformar-se em “*Lasting love*” (Barusch, 2012).

Este processo surge doze ou dezoito meses depois do início da paixão (Barusch, 2004) e, a partir daí, aumenta a dificuldade de manter esta acesa paixão.

Existe uma questão no ar, se a paixão é vivida de acordo com as mudanças físicas do indivíduo em idade avançada? Quando questionámos se as perspetivas são as mesmas, José responde: “*É evidente que... o amor é o alívio com a tranquilidade do homem maduro e faz-se com a impetuosidade do adolescente. Acho que assim respondo a tudo, ou então grande parte. É diferente, é evidente. Casar com 20 anos como eu casei, ter determinadas perspetivas e só fazemos certas coisas, agora, a partir de uma certa idade, embora fosse a mesma situação mas mais calmamente. É evidente! Os anos passam, a gente também se vai modificando. Agora sou muito menos impetuoso, é simples.*”, (José, P9).

Nesta pesquisa conseguimos encontrar testemunhos que revelam alguns dos aspetos da paixão, como por exemplo na narrativa do participante número doze na qual identificamos o aspecto emocional. Observa-se uma alteração de comportamento neste participante. Com a anterior companheira, quando saía de casa para ir trabalhar e chegava ao local de trabalho, nunca telefonava à esposa, com a atual companheira verifica-se o oposto. Leva-nos a cogitar que pensa na companheira muitas vezes e que, o facto de lhe telefonar, permite, ao participante, usufruir de sentimentos de bem-estar pessoais: “*Eu tenho-me dedicado grandemente. Eu muitas vezes... isto é um exemplo, eu chegava à loja e não telefonava à minha mulher. Uma das primeiras coisas que muitas vezes faço é telefonar: “Tão, tás? Levantaste-te bem?”. É aquelas coisas!*”, (Francisco, P12). Até ao nível psicológico que consegue verificar alterações: “*Quer dizer, eu hoje vivo com uma a:::, até com um desejo enorme de viver, talvez porque esta relação me tem feito muito bem.*”, (Francisco, P12).

3.1.2. Sexualidade: uma loucura mais discreta

Neste trabalho seria tão ou mais importante falar sobre a sexualidades destes novos casais, não por serem pessoas idosas mas porque é necessário levantar tabus. O sexo é uma força revolucionária e leva-nos a quebrar as regras.

Mas o que dizer de sobre a sexualidade nos idosos?

Muitas pessoas, não só os jovens como também os jovens adultos e os idosos, afirmam que o interesse sexual acaba quando chegamos a uma certa idade. De acordo com esta pesquisa, não poderiam estar mais errados.

Anabela afirma que, teve mais de duas décadas sem ter relações sexuais. O primeiro marido dizia não valer a pena ter sexo com a mulher, visto que não poderia gerar uma criança. Podemos dizer que existia um controle pelo corpo feminino: *“Pronto, armou-se outra cama, cada um dormia na sua cama e não havia nada pra ninguém. Eu tive vinte e dois anos sem fazer sexo. Vinte e dois anos!”*, (Anabela, P10). Quando era mais nova, esta participante não teve qualquer satisfação sexual com o anterior companheiro, contudo, agora, tem uma outra experiência apesar das dificuldades de longa data. Tem carinho, tem amor: *“Mas, a partir dessa data que ele soube que eu realmente não podia ter filhos, nunca mais... nunca mais foi aquele homem que me desse um apoio, que me desse um carinho, conforme eu tenho. Conforme eu tenho!”*, (Anabela, P10).

Numa relação conjugal, o amor e a proximidade sexual são partes indispensáveis para uma boa satisfação com a vida e com o parceiro (Butler e Lewis, 2002). De facto, a proximidade e a intimidade humana, independentemente da idade, é muito importante na vida de cada um de nós.

A sexualidade não se resume somente apenas ao ato sexual é, também, uma relação de proximidade. Por vezes, simplesmente o toque já é bastante entre o casal: *“A gente deita-se e normalmente, quando estamos os dois deitados, agarro a mão da minha mulher, e tou sempre a fazer festinhas na mão da minha mulher uma horazinha.”*, (José, P9).

É recompensador e proporciona experiências que podem aumentar na meia-idade e ao longo dos anos. De acordo com o testemunho da Carina, a importância do sexo alterou-se: *“Nós temos uma certa idade, nós precisamos, a::: Há pessoas que pensam*

quando se fala em amor, amor é sexo. Para algumas pessoas. E o amor não é só sexo, o amor é agente dar-se bem um com o outro, acarinhar-se um ao outro. Isso é que é ser amor. Fazer o outro feliz, a:::: darmos bem, partilharmos as as nossa preocupações, por exemplo, a gente reza e pede para os outros e faz tudo isso, acho que isso é:: é:: é que é amor. Porque em relação ao sexo, posso dizer o que é que hoje faz o meu marido com esta idade e eu também, pronto a:: a:: se calhar, mais nova, se calhar a parte sexual, tava muito mais activa do que agora. Porque agora, o amor é isto. Para nós, é o carinho, a amizade um com o outro.”, (Carina, P1).

Cada um de nós demonstra sentimentos de aprovação quando ouvimos histórias sobre a nova paixão da avó, do avô dos nossos amigos, do/a nosso/a namorado/a, contudo, quando surgem situações idênticas no nosso seio familiar, dizemos não concordar ou porque são velhos demais para assumirem um novo relacionamento ou porque, ao olhos da sociedade, não são comportamentos aceites. Os idosos devem ter vida sexual? Serão eles capazes de ter relações sexuais? Será que têm desejo? Será que é normal ou um comportamento indecente para a idade?

Nem sempre se fala, nem sabemos, qual a forma correcta de definir o sexo, de falar sobre a sexualidade entre as pessoas. É nos estranho como, ainda há bem pouco tempo, era proibido falar de sexo e ter comportamentos que fossem contra ao legalmente aceitável pelo regime fascista. Podemos afirmar que, a sexualidade heterossexual era destinada exclusivamente à reprodução, ou seja, à constituição de uma família, e somente assim era admissível (Aboim, 2013).

Existia, e seguramente continua a existir, um controlo enorme sobre o corpo feminino como podemos verificar pelo testemunho do Edmundo: *“Não tem as condições que um homem lhe exige. Não tem! Um homem quer manter relações com uma mulher, a mulher tem tem tem que ter condições para receber um homem. Ela não tem e é aqui que as coisas nunca correram bem. Nunca correram bem e::::, como direi?! E:::: quer dizer, foi ao segredo que se manteve e que só foi descoberto quando já não havia para se resolver porque, se fosse descoberto antes, este casamento, não se tinha feito.”, (Edmundo, P8).*

O casamento era reconhecido como uma “instituição ideologicamente central” e uma passagem para a vida adulta. O papel social das mulheres era diminuído pela sociedade. Eram prisioneiras de uma série de comportamentos socialmente e

moralmente aceites onde o silêncio e a submissão dominavam as suas vidas, contudo, o homem, também está aprisionado a uma representação masculina (Bourdieu, 1999). A partir do momento que o homem mostrasse a sua virilidade e que sustentava a família, o homem era um homem e a mulher não era uma verdadeira mulher sem casar e ter filhos (Aboim, 2013). O testemunho da décima participante mostra-nos exactamente esta situação: *“Nós fazíamos tudo por tudo para arranjar filhos e ele não, não conseguia, pronto! E ele a partir daí... ele depois foi fazer exames e tudo e disse-lhe: “Você é uma pessoa normal, você pode arranjar filhos mas a sua esposa não”. A partir daí, ele começou-me a aborrecer. Começou-me a aborrecer e depois disse-me: “Ahm e tal, se eu soubesse que tu não arranjavas filhos nem valia a pena.”*, (Anabela, P10).

Atualmente, o sexo ocupa um lugar fundamental para uma relação saudável entre o casal. Edmundo refere que: *“(...) não é aquela ligação como poderia de ter sido, julgo eu. A ligação tinha sido melhor, não foi, pronto paciência. Naquela altura, as relações era o principal, agora não. Agora já é diferente. Mas naquela altura, era muito importante até, era muito! Não era lá isto nem aquilo, era mesmo muito mas, pronto, paciência, perdeu-se tudo.”*, (Edmundo, P8).

O amor entre o casal é expresso através de uma intimidade sexual (Davidson e Fennell, 2004). Esta intimidade sexual entre os idosos pode ser alvo de chacota e são sujeitos a comentários humilhantes e podem criar uma apreensão com a perspectiva de envelhecer. Bonecas afirma que, é alvo de brincadeiras de amigos: *“Um amigo meu é que me disse: “Você nem sabe o falatório que anda prá’i. A dizer que você toma viagras e que foi parar ao hospital! Até os médicos lá disseram, tá lé a dose que ele tomou que aquilo não baixa”*, (Luís, P3).

Dizem que o tempo é cruel. Afinal de contas, todos os indivíduos passam por ele e também pelas consequências que são sentidas ao nível físico e emocional.

O envelhecimento marca o corpo de maneira, enrugando a pele, transformando os cabelos pretos em grisalho, etc. A vagina, por exemplo, sofre grandes transformações físicas e fisiológicas que interferem na intimidade sexual como a secura e a elasticidade. O órgão genital masculino também sofre alterações. É necessário mais tempo para ficar estimulado sexualmente, para conseguir uma erecção e atingir o orgasmo.

Os homens, ao longo da sua vida, são observados como detentores de força e de poder, cheios de virilidade, contrariamente à mulher, que se é referenciada como um

indivíduo frágil, meigo e atencioso. Em contrapartida ao privilégio masculino encontramos uma tensão a que os homens estão sujeitos. É dever de um homem que imponha a sua virilidade em todas as circunstâncias. Em consequência desta diferença entre os géneros, os idosos comparam-se e são comparados com performance e potência sexual dos mais jovens (Butler e Lewis, 2002). Nestas confrontações, nem sempre são encaixadas o valor da experiência e a qualidade emocional do sexo, tal como nos indica o José: *“Quer dizer, há situações que são um bocado diferente (...) É evidente que havia uma dimensão com a primeira mulher completamente diferente, principalmente nos primeiros anos de casado, do que há agora com esta. É evidente! É natural. Aquilo que se fazia ou a::: que se faz agora, por exemplo, num mês fazia-se em 2 ou 3 dias. É uma questão quantitativa, é uma questão de ser melhor ou pior, quer dizer, é uma questão de quantidade.”*, (José, P9).

Os homens ficam reticentes com o envelhecimento, pois sentem receio da impotência, de falta de erecção e, quando estas situações sucedem, surge o constrangimento para com as parceiras. Falando da performance, a mulher é menos pressionada que o homem contudo, também, se preocupa com as mudanças que o envelhecimento provoca.

Presume-se que o desejo sexual reflecta-se na idade, ou seja, um jovem ou um jovem adulto, no seu auge sexual, possui maiores necessidades que os indivíduos na casa dos cinquenta. Será que o sexo e a sexualidade se mantêm depois dos 40, 50, 60 ou 70 anos de idade? Sim! Edmundo refere isso mesmo: *“Naquela altura, quando ela veio para mim, eu estava normal... estava normal, hoje as coisas tão diferentes. Eu tenho 81 anos, já não sou aquele homem que era, não tenho as forças que tinha. As coisas são diferentes. Naquela altura não! Naquela altura eu precisava mesmo de ter uma mulher em casa, não só para me fazer o serviço mas pra tudo, pra tudo.”*, (Edmundo, P8).

Com certeza que já ouvimos um idoso a falar de sexo, o que pensámos? Um homem nesta idade a falar de sexo, de prazer?! Que velho depravado, velho tolo ou, se forem mulheres, cabras velhas. Porque não pensar que se trata de uma conversa como se de um casal de jovens se tratasse?

O que é percebido com uma exuberância nos mais jovens, nos mais velhos é designado como uma luxúria, como um sinal de lapso sexual inapropriado para pessoa nesta fase de idade (Butler e Lewis, 2002). De acordo com o testemunho de Mariano, a

sexualidade não se mantem intacta. Refere que, não tem a “capacidade” que tinha outrora e que, atualmente existem outros aspetos essenciais numa relação conjugal: *“Tudo muda. A idade tudo trás e tudo leva. É mais apreciado o carinho que nós damos um ao outro e o apoio do que é a outra parte. É mais importante nós darmos carinho um ao outro e:::... pronto, do que a outra parte sexual. Porque a idade é já diferente.”*, (Mariano, P6). Também Leonardo possui a mesma opinião: *“Esses aspetos que se dão mais importância é: a gente acarinharmos um ao outro agora porque somos velhos! Temos que nos acarinhar um ao outro. Lá pelas outras intenções, já não (...)”*, (Leonardo, P3).

Todos os testemunhos dos participantes masculinos referiram que o sexo e a sexualidade se alteram com a idade. De facto, o homem leva mais tempo a ter uma erecção à medida que vai envelhecendo, necessita de um grande período de espera depois de uma relação sexual e as doenças, também, são produtoras de efeitos imediatos. Pessoas doentes têm pouca energia, ou nenhuma, e atenção para o sexo: *“Eu não vou arranjar uma mulher nova, uma mulher com 40 ou 50, porque já não é mulher para mim. Então como é que eu vou satisfazer uma mulher com 40 ou 50?!”,* (Bernando, P3). É importante dizer que, à semelhança dos testemunhos, existe uma paixão menos materializada através do sexo. Dizem que o sexo é a materialização perfeita do amor, contudo, através dos testemunhos, verificamos que a sexualidade, o impulso sexual e a materialização física deixam de ser primordiais numa relação conjugal

3.1.3. Companheirismo

Quando questionamos tardia os nossos entrevistados sobre o motivo que os levou a assumir uma nova relação verificamos que, algumas pessoas pensam na companhia e, no facto de, terem um cuidador.

3.1.3.1. Importância de acarinhar

O companheirismo passa a ser uma prioridade nestas relações conjugais. Na pesquisa é retratada como a nova prioridade e que nas anteriores relações não o era: *“Tudo muda. A idade tudo trás e tudo leva. É mais apreciado o carinho que nós damos um ao outro e o apoio do que é a outra parte. É mais importante nós darmos carinho*

um ao outro e:::... pronto, do que a outra parte sexual.”, (Mariano, P6). Também Leonardo, refere que o carinho entre o casal é, neste momento, o mais importante: *“Esses aspetos que se dão mais importância é: a gente acarinharmos um ao outro agora porque somos velhos! Temos que nos acarinhar um ao outro.”, (Leonardo, P3).*

De acordo com alguns testemunhos da pesquisa, a companhia é uma alternativa ao romance e à sexualidade. No primeiro casamento, dizem que havia romance e vontade de fazer sexo a qualquer altura, agora, em consequência da idade, existem outras preocupações e outras prioridades. É mais importante o apoio na doença do companheiro que o sentimento de amor avassalador. De facto, é evidente que os idosos enfatizem mais o companheirismo que o romance e o sexo numa nova relação conjugal.

Com mais anos de vida para viver e a disposição de um maior número de recursos, os idosos, quer viúvos, quer divorciados, quer solteiros, começam a pensar que o recasamento pode ser uma excelente alternativa à solidão: *“Durante o dia ia até à do meu filho e essas coisas assim. Agora assim á noite, em chegando a noite, uma pessoa vê-se sozinha em casa... muito triste! Tudo sossegadinho, vê-se a gente sozinhos, sem nada. É... é uma coisa que é muito triste a gente ver-se sozinhos assim, olhe, tenho aquela companhia.”, (Josefa, P11).*

Com o avançar da idade, os indivíduos enfrentam o falecimento de entes queridos, uma perda simbólica dos papéis de mãe e pai com a saída de casa dos filhos, perda de autonomia podem provocar uma profunda sensação de vazio e isolamento.

Dos doze entrevistados, seis afirmam que se sentiam sozinhos e que a solidão é um sentimento destruidor: *“É muito triste a gente ficar sozinha, mas atão?! O que é que a gente há-de fazer?!”, (Josefa, P11).*

O sentimento de solidão provoca efeitos na qualidade de vida das pessoas, nomeadamente nos viúvos que são um grupo particularmente vulnerável (Kivett, 1978). Os viúvos tendem a isolar-se e necessitam de mais apoio. Anabela refere que, o atual companheiro pensou em suicidar-se quando enviuvou: *“Eu comecei a pensar, a gente falávamos e ele dizia: “Um dia ponho um barão ao pescoço e quando pensam que tou vivo tou lá pendurado lá em casa!””, (Anabela, P10).*

Quando questionamos os motivos que levaram os idosos a assumir uma nova relação, a maioria refere que foi o desejo de usufruir de companhia para deixar de se sentir sozinho. Observou-se que, os homens, mais que as mulheres, mencionaram o

companheirismo como o principal desejo de voltar a casar: “ (...) *andava sempre sozinho e olha:*” *Vou arranjar uma companheira!*”, (Luís, P3).

Observamos que, metade dos entrevistados do sexo masculino, esperava voltar a partilhar a vida com outra pessoa: “*E basicamente, tinha que tar acompanhado, na::: não havia razões de que não se tivesse. (...) Não me faltava uma coisa, faltava-me um disparate de coisas. Eu nasci pra casar, não nasci pra tar solteiro.*”, (José, P9).

3.1.3.2. Prestação de cuidados/apoio

Será que é apenas pelo sentimento de isolamento que os idosos pensam no recasamento?

Na velhice e, mais frequentemente nas mulheres, porque vivem mais tempo que os homens, a dependência é uma grande preocupação para este grupo de pessoas. A saúde é uma das variáveis mais importantes na vida de cada um de nós e que afecta a vida familiar dos idosos (Beck e Streib, 1980). A partir do momento, que uma pessoa começa a perder as suas capacidades, a audição, a visão e a mobilidade, necessita de maior apoio para conseguir ultrapassar estas barreiras. Aqui está o lado mais instrumental da relação conjugal.

O facto de, os idosos pensarem em recasar poderá ser com o objetivo de ter alguém que possa olhar por eles, ou seja, ter um cuidador, já que se gasta tempo e a família, por vezes, não está presente.

Não é estranho se dissermos que, os casais de idosos, que ainda se encontram juntos, dispõem de uma série de benefícios consideráveis. Indivíduos que possuem alguém ao seu lado, geralmente, têm uma melhor saúde e sofrem menos com essa falta de recursos instrumentais e emocionais (Johnson, 1985). Com a doença que cause incapacidade e dependência do ponto de vista físico ou cognitivo, chegam as preocupações e o receio de ficar dependente, ou seja, ao cuidado de outros. É do companheiro que advêm a maior fonte de ajuda.

Bernando decidiu que havia necessidade de beneficiar de uma nova companheira. Este testemunho mostra-nos que, as novas relações conjugais podem transformar-se numa relação de cuidados onde a companheira vive para cuidar do companheiro ou vice-versa. Surge aqui uma nova forma de relação, não uma relação que surge por amor, por desejo sexual, mas uma relação que se constrói à base de

suporte de apoio social por parte do companheiro contrastando com a ajuda de outros membros da família: “ (...) *de manhã ele abalava, nunca me procurava como tinha passado a noite, nem procurava se ainda não me tinha levantado, nem como é que passou a noite. O meu filho abalava para o trabalho e, se eu não ma levantava de manhã, à hora que ele se levantava, chegava a tar oito dias sem o ver. E eu metia-me ali dentro de casa, era um... uma mosca que ali ficava. Algumas vezes eu disse, diante dele e dos outros meus filhos: “Eu se um dia aqui morrer... a minha mãe deitou-se já não se levantou, sozinha...ninguém me chega ali à janela do quarto e diz nada!”*, (Luís, P3).

No que diz respeito à prestação de cuidados, o companheiro é o principal cuidador e, por vezes, os filhos, os netos e amigos são relativamente alheios a essas necessidades. Por exemplo, comparando os cuidados do companheiro e dos restantes, o companheiro compreende quais são, realmente, os cuidados a ter para que possa prestar a ajuda correcta. São as pessoas que mantêm um contacto diário que conseguem compreender quais os sistemas de apoio necessários, sejam eles formais ou informais.

Quando um indivíduo enviúva, obviamente que existe um aumento considerável de necessidades de apoios, pois encontram-se sozinhas sem o companheiro de uma vida. Ser casado é um factor extremamente importante para evitar a institucionalização (Johnson, 1985).

Existem pessoas que não usufruem de um suporte familiar de modo a evitar este processo, sendo o lar a única hipótese de terem alguém que possa cuidar delas: “*eu fiquei aqui a dormir, mas tive que desfazer a minha casa. Tive um desgosto tão grande. Desfazer a minha casa, chorava dia e noite por me ver aqui sozinha e ter deixado a minha casa. Tava habituada à minha... à minha privacidade, de estar sozinha e::: estava à minha vontade, não é verdade?! Pois, por amor de Deus, tinha um desgosto muito grande, embora fosse aqui bem tratada, mas pronto... não era a minha casa pronto!”*, (Jesuína, P2).

Jesuína, sempre tinha sido solteira e quando foi institucionalizada pensou em casar para fugir ao desgosto de residir num lar: “*Achei que estava aborrecida de estar aqui, que estava sozinha e fui para a “minha” casa outra vez. Estava habituada a estar na “minha” casa e foi mais isso que me fez fazer isso. O que me levou a fazer isso foi mais isso. Não gostava de me ver aqui acompanhada no quarto e tudo, eu estava*

habituada a estar sozinha. Pensei que era melhor ir para a “minha” casa outra vez, uma vez que já tinha companhia fui.”, (Jesuína, P2).

Jesuína era uma mulher com mobilidade e independente, contudo, por ser uma pessoa de fracos recursos económicos, teve que entregar a casa aos seus donos e não tinha outra opção senão ir para a instituição. Foi obrigada a ir viver para um sítio estranho, longe dos seus objetos e das suas recordações que fazem sentido apenas para ela própria. Viu-se obrigada a cumprir regras, a seguir instruções e a alterar o seu dia-a-dia quando se sentia capaz de viver só.

Se perguntarmos aos idosos se preferiam voltar às suas casas ou continuar nos lares, provavelmente, ouviríamos que gostariam de voltar para casa, para junto da família. Os idosos institucionalizados não se sentem em casa por não estarem rodeados daquilo que é deles, estão sim, rodeados de coisas impessoais que nada lhes diz.

Existem idosos que não pretendem morar com a família para “não dar trabalho” aos filhos e restantes família e outros que não possuem família, e preferem permanecer em casa ou ser institucionalizados.

A institucionalização poderá ser um factor de agravamento dos próprios efeitos do próprio envelhecimento. Poderá acelerar as perdas funcionais, pois os idosos são submetidos às rotinas diárias, apesar de já haver inúmeras atividades físicas que podem praticar, que levam à submissão dos seus desejos e práticas que tinham no seu dia-a-dia.

De acordo com alguns estudos sobre o envelhecimento, a institucionalização provoca sentimentos de isolamento, tristeza e uma redução da sua auto-estima (Lefèvre e Mazza, 2004). Contudo, é importante referir que os lares também são bases de apoio importantes a quem está só. Obviamente que, para pessoas que estão sozinhas e que não possuem família, os lares tornam-se uma casa para o idoso onde usufruem de protecção, de apoio emocional e de cuidados físicos.

3.1.3.3. Partilhar tempo e, também, recursos/dinheiro

Quando pensamos e analisamos os testemunhos do estudo observamos que, nos idosos, desenvolve-se um novo estilo de vida e que são notáveis as mudanças psicológicas em pessoas que assumem um novo relacionamento. Vejamos o testemunho do participante número doze, Francisco. As alterações do seu estilo de vida, nomeadamente as férias foram uma grande mudança na sua vida, pois indica que a sua

esposa não detinha o mesmo desejo de viajar que a atual companheira. Viaja muito mais e preocupa-se muito menos com a actividade profissional. Também o facto de já não ter filhos a seu cargo ajuda. Estas alterações provocam-lhe uma sensação de bem-estar pessoal.

No testemunho do Mariano observamos um enorme desejo de cuidar da atual companheira: *“Agora damos bem, tamos entendidos, fazemos a nossa vida normal e, também, ela coitada tinha uma vida... todos os dias levantava a reformazita dela e não chegava, hoje tem um migalheiruzito e só levanta metade da reforma. Nunca mais levantou a reforma dela. A minha chega e sobra bem.”*, (Mariano, P6). Já Anabela, fala do atual companheiro com uma enorme admiração: *“Respeitou-me sempre, sempre. Respeitou-me sempre. Quando tomou a iniciativa de vir para dentro desta casa, nessa altura é que fizemos uma vida, fizemos uma vida, como qualquer casal. E realmente é uma pessoa muito boa, muito boa, muito opiniosa, muito trabalhador, muito respeitador e muito meu amigo. E eu muito amiga dele.”*, (Anabela, P10).

Poderemos dizer que, são saudáveis a assunção de relações conjugais em idade tardia. Anima qualquer pessoa, oferece uma energia que os próprios entrevistados referenciam como um alento, proporcionando uma enorme vontade de viver.

Os romances maduros costumam ser menos impetuosos, como o entrevistado José indicou: *“É evidente que... o amor é o alívio com a tranquilidade do homem maduro e faz-se com a impetuosidade do adolescente. Acho que assim respondo a tudo, ou então grande parte. É diferente, é evidente. Casar com 20 anos como eu casei, ter determinadas perspetivas e só fazemos certas coisas, agora, a partir de uma certa idade, embora fosse a mesma situação mas mais calmamente. É evidente! Os anos passam, a gente também se vai modificando. Agora sou muito menos impetuoso, é simples.”*, (José, P9).

É extramente comum que, os idosos, ao assumirem um relacionamento amoroso, revivam sentimentos e desejos como se de jovens se tratasse. Ir viajar, o desejo de permanecer ao lado da/o companheira/o grande parte do dia, voltar a agradecer, fazendo a comida preferida ou a vontade de estar em bom estado de saúde, pode levar à estimulação de prática de atividades físicas, nomeadamente, danças de salão, natação, etc. As apelidadas excursões que os idosos tanto falam, também são eventos muito

importantes para o convívio social e proporcionam uma sensação de juvenilidade entre o casal e entre os idosos.

Os casais idosos vivem a relação de forma mais madurecida. Estas pessoas, em idade tardia, tem interesse pelo percurso de vida do/a atual companheiro/a, pela sua opinião, pelos seus desejos e prazeres, pela sua personalidade, etc. De acordo com as narrativas, as pessoas, com idades compreendidas superiores ou iguais a 65 anos, vivem as suas relações com uma intensidade bem diferente das relações amorosas anteriores. Vivem como se fosse o último dia das suas vidas e têm receio que esta felicidade esteja perto do fim.

3.1.4. Escolha do parceiro

Numa época em que se luta pela igualdade é necessária, não podemos fechar os olhos à sua existência e a verdade é que elas existem, como se pode verificar, na forma como o homem e a mulher vivem a sexualidade e escolhem os seus parceiros (Gomes, 2006). Existem várias formas de conhecer o parceiro, ou já eram vizinhos há muitos anos, conheceram-se numa viagem, foram apresentados por um amigo, conheceram-se através das redes sociais ou já tinham relações familiares no passado.

Namorar em idade tardia é bastante diferente que namorar enquanto jovens (Watson e Stelle, 2011). Os idosos sentem que se tornaram pessoas mais sábias. Já sabem o que procuram num parceiro e aquilo que não pretendem encontrar para assumir um compromisso.

Manter uma vida social activa é extremamente importante, gerando benefícios para um saudável estado de saúde. A socialização proporciona bem-estar individual e psíquico e não diminui com a idade (Watson e Stelle, 2011). Obviamente que, um indivíduo que possua uma maior vida social usufrui de maiores possibilidades para conhecer novas pessoas do que aquelas que raramente saem da sua zona de conforto: *“Nunca, nunca tinha... convivências assim para esse ponto. Pois não... nunca chegava a ter. Tava na minha casa, não saía de lá. Depois comecei a sair, a vir e ir, a vir e ir, comecei a conhecer a pessoa.”*, (Jesuína, P2).

Os idosos não são diferentes dos mais jovens quando se trata do envolvimento numa relação, muito embora, o nível e o tipo de envolvimento sejam bem diferentes.

A maioria dos idosos já conhecia os seus parceiros, já haviam tido contato durante o primeiro casamento: *“Já a conhecia desde muito jovem. Até conhecia o marido da senhora, já falecido claro. Fomos sempre conhecidos.”*, (Francisco, 12).

Os idosos procuram pessoas dentro da mesma faixa etária porque afirmam que não têm idade para pessoas mais novas: *“Eu não vou arranjar uma mulher nova, uma mulher com 40 ou 50, porque já não é mulher para mim. Então como é que eu vou satisfazer uma mulher com 40 ou 50?!”*, (Luís, P3).

De facto, a maioria dos entrevistados procurou saber informações sobre o novo companheiro. De onde vem? Com que esteve casado? Quantas vezes? Quais os filhos?

Neste sentido, existem restrições impostas na escolha do companheiro, pois são sujeitos a preceitos das regras sociais, até porque está inserido numa sociedade em que determina os comportamentos. A escolha do companheiro é efectuada de acordo com os valores culturais e sociais.

De acordo com a pesquisa, em idade madura as preferências na escolha do companheiro são diferentes podendo ser mais rigorosas do que na escolha do primeiro companheiro. O idoso, através da sua “pesquisa”, conhece, um pouco, a companheira para deixar de se sentir inseguro com medo de golpes ou decepções e, quando se apercebem que corresponde ao perfil de companheira que procura, o relacionamento é positivo e até são incentivados pelos familiares ou amigos: *“Não me arrependi porque procurei como era o porte dele, como era como não era, porque a gente não sabe... não vai querer um homem assim sem::... que não vale nada. Muita gente me dizia aí: “Ah, ele é muito boa pessoa”. Mesmo as vizinhas me diziam: “O Florival era muito bom para a mulher.”. Que eles conheciam a mulher e essas coisas todas.”*, (Josefa, P11).

3.2. Questão 2 – Constrangimentos

Enquanto a maioria dos casamentos acontece no início do curso de vida, começamos a observar recasamento na terceira idade. Esta nova experiência de conjugalidade envolve, não só o percurso de vida de cada companheiro, como também as suas famílias, amigos e a forma como a sociedade encara a sexualidade nos idosos.

A intersecção entre o preconceito de idade e a sexualidade influencia o contexto em que estas relações se formam (Watson et al, 2010). Considerar os idosos assexuados é um dos preconceitos que os afetam mas, também, existe o oposto, que quando têm alguma manifestação sexual é porque são depravados e até quando colocamos questões sobre o tema, sentem-se constrangidos ao falar: *“Quer dizer, há situações que são um bocado diferentes... como é que lhe hei-de explicar, não quero entrar assim numa situação que você não goste (...)”*, (José, P9).

Estes casais são discriminados, até pela própria família que não aceitam o recasamento dos progenitores ou dos avós. As oportunidades dos idosos experimentarem o recasamento são diminuídas, pois, os comportamentos de pessoas, na terceira idade, são regidos por aquilo que é socialmente aceite (Watson et al, 2010). De facto, a imagem que todos nós construímos dos idosos influencia o seu comportamento e práticas, regulando a sua maneira de estar, ou seja, o seu percurso.

De acordo com o estudo, somente os filhos e família de duas pessoas aceitaram o novo relacionamento, enquanto que os restantes provaram o sabor amargo da rejeição: *“Naquela situação concreta dos meus filhos. Ela aí... eu tenho que lhe dar a volta com uma certa tranquilidade, na medida em que eu... na medida em que eu reconheço que ela tem razão, porque ela não tem culpa nenhuma que eu tivesse casado com ela. A::: e os meus filhos se tivessem a cabeça no lugar também não teriam, não estou a querer saber mais que toda a gente, mas entendo que um homem possa casar uma vez, 2, 3, 10, 20, o que quiser. Os filhos não têm nada que se opor. Eu se o meu pai e a minha mãe, tivessem ficado viúvos e tivessem casado ou ajudava-os logo de cara. “*, (José, P9).

A família de Edmundo ficou bastante satisfeita pela nova companheira e até fomentou a aproximação: *“Aceitaram, aceitaram por isso. Porque a primeira mulher que eu tinha, a partir do momento, em que começou a beber e perdeu a noção do comportamento do comportamento das pessoas e começou a não agradar a ninguém. A minha família falava com ela, não ligava às pessoas, não tinha aquela... A minha família vinha cá, changavam aí, e: “Aí vem a ciganada! Parecem ciganos.”, e eu: “Ai é assim?! Não venham cá!”. Assim que eu casei com esta, bom... a minha casa encheu-se-me ali a casa de gente.”*, (Edmundo, P8).

De facto, ao longo da pesquisa observou-se que é com os jovens adultos que os pais têm um redobrado cuidado e que pensam duas vezes antes de assumir um novo

relacionamento. Josefa, afirma que não juntava os trapinhos com o companheiro se os filhos não tivessem aceitado a sua nova condição: *“Eu envergonhei-me mas disse que não me ia juntar sem dizer aos meus filhos né?! Nem eu fazia isso.”*, (Josefa, P11).

Mas o que leva os filhos não aceitarem a nova relação dos pais? Será que é por pensarem que o pai ou a mãe estão a ser substituídos? Será que têm receio que a herança seja partilhada com o novo companheiro? Será que, é pelo facto de o pai ou a mãe estarem ocupados com o novo relacionamento e, como consequência, darem menos atenção à família?

Aceitar uma nova relação conjugal em idade tardia, pode causar algumas perturbações familiares. É importante e necessário a envolvimento dos novos membros na família do companheiro (Schlesinger e Schlesinger, 2009). A sexualidade, a amizade, os interesses intelectuais e o apoio dos filhos e dos netos têm um papel importante na decisão a tomar. Deixar de ter o apoio dos filhos para a maioria dos nossos casais é impensável, contudo o participante José refere que, o facto de a filha não concordar não o demoveu: *“(...) gostava mais, agora constrangimento não tenho nenhum. A verdade está do meu lado. Quando eu tenho a certeza absoluta, que a verdade está do meu lado, ninguém me move, ninguém me volta. Nem filhos, nem netos, nem ninguém. Agora é preciso é ter a verdade, ter a certeza que tou a 100% da verdade. (...) mas::: quando eu tenho a verdade toda do meu lado, tou-me nas tintas para a Gisela. É como eu quero, não é como ela quer. Nem pensar!”*, (José, P9).

José não se importou pois não é uma pessoa que dependa dos filhos para tomar decisões, é autónomo e tem casa própria, enquanto que Josefa, teve que solicitar autorização, pois a habitação onde reside é do filho: *“Tou na casa do meu filho. As casas são dele. Ele tá na minha casa.”*, (Josefa, P11).

Observamos que os filhos, quando adultos, começam a questionar o comportamento dos pais. Pensam que está senil ou que está a ser infantil por querer atenção, etc. Os filhos tentam alterar estes comportamentos para que não deixem os pais cair no ridículo perante os demais, contudo é necessário diferenciar quando é necessário intervir ou quando não passa de um desejo egoísta de impor as suas próprias vontades, pois, o constrangimento, poderá vir deles próprios.

Porque será que os filhos resistem à aceitação da relação dos pais?

Poderão ser vários os motivos e a pesquisa destacou quatro: o filho, quando o pai enviuvou, assumiu um papel protector e agora surge uma outra pessoa que pode ocupar esse lugar; duvidam das intenções do companheiro; não querem que o novo companheiro ocupe o lugar que foi do seu progenitor; e, por último, preocupam-se com a situação financeira do idoso, pois poderá gastar tudo o que juntou durante anos com o novo parceiro.

A filha do marido de Carina não aceita o relacionamento: “*Óh, porque me vêem outra no lugar da mãe!*”, (Carina, P1). De facto, para alguns filhos, poderá ser difícil aceitar os relacionamentos dos progenitores, por pensarem na relação, no casal, como “eterno”. Associam a mãe ao pai e o pai à mãe e não querem pensar que terão que alterar esta situação na sua cabeça, ou seja, não querem associar o pai a uma madrasta, por exemplo.

Também o filho do participante Luís resistiu, e ainda resiste, ao facto de aceitar a nova companheira, pois está a ocupar o lugar da mãe: “*(...) ele vai, e telefonou-me, e disse-me, então, assim: Óh pai... vossemecê foi deitar a mulher na cama onde a minha mãe se deitava, acha bem?*”, (Luís, P3). O filho deste participante acha que o pai está a faltar ao respeito à mãe, tal como a filha do José: “*A minha filha Gisela disse logo: “Pai...!”. Chorou, trinta por uma linha mas, também é próprio das senhoras, são mais sensíveis: “Óh pai, isto com o tempo passa-me. Agora custa-me muito! Lembro-me muito da mãe.”.*”, (José, P9).

Poderão sentir ciúmes, poderão pretender que o lugar da mãe seja mantido à imagem da pessoa com qual eles cresceram. Não querem ter nas suas memórias uma outra mulher. Geralmente, a educação e as exigências cabem à figura materna e os filhos vêem nela um pilar que não haverá igual, já diz o ditado: “Mãe há só uma!”. Agora, a nova companheira, lutará por um lugar na vida dos filhos e do pai e são tantas as incertezas e os receios dos filhos que, por vezes, chegam mesmo a chantagear com o objetivo de destruir a união entre o casal: “*E depois o meu filho, isto é a contar a realidade, e depois queria 50€, por mês, para a mulher lá dormir e eu disse-lhe: “Não, isso não pode ser! (...) A cama é a mesma, a mulher não te faz aqui afronto nenhum! Queres 50€ mas eu não tos dou!”.* Mas, ao fim de três meses, ao fim de três meses, é que ele apertou comigo... para lhe dar o dinheiro e, eu, di-lhe o dinheiro daqueles três meses, para não haver mais coisas.”, (Luís, P3).

Já a filha de Feliciano não aprova a relação do pai por dinheiro. Quem usufruía dos seus rendimentos era sua única filha e, a partir do momento, em que assumiu a relação, esse dinheiro deixou de estar à sua disponibilidade: *“Porque eu cortei-lhe o cartão multibanco. Eu levantava o dinheiro mas, mesmo o dinheiro que lá deixava era para a luz. Levantava, dava-lhe. Subsídio de natal... se fosse só a minha filha que lá tivesse! Mas, assim não! Depois cortei-o. Ela telefonou logo pra lá. (...) Agora nunca mais me ligou. Deixa-a! Quando fui cortar o multibanco ela disse: “Andas cheio, andas cheio por essa mulher! Andas cheio por essa mulher!”. Eu nem uma nem duas. (...) Agora sobra sempre dinheiro. Se fosse só a minha filha, eu deixava lá... mas agora juntou-se com a mãe porque o outro, lá, morreu.”*, (Feliciano, P4).

Já Mariano, também teve que lidar com a discórdia dos filhos: *“Os meus filhos pensavam que ela gastava tudo, agora já não. Já viram isso ao contrário, porque eles... queriam-me levantar o dinheiro que tinha, que tava em nome meu e deles, e o mais velho andava sempre de posse do mais novo para me alevantarem o dinheiro (...) e eu fui tirar o nome deles que tinha lá.”*, (Mariano, P6).

Alguns vizinhos também pensam que, por detrás do casamento em idade tardia, estão interesses de “investimento financeiro”: *“Por exemplo, as mais amigas, já me têm vindo dizer certas coisas. As pessoas criticam sempre. Isto, o mundo, continua na mesma. (...) Criticam-se todas umas às outras e muito. Continua na mesma. Umas pensam que eu fui... que fiz um bom negócio, um bom negócio que eu fiz.”*, (Margarida, P7).

Não podemos deixar de pensar que se multiplicam os casos de burla aos idosos. Por este mesmo motivo, a família, os vizinhos, etc, pensam na existência de casamentos por interesse e, por consequência, na disputa antecipada de heranças. O dinheiro, como tema mais comum, é o fiel da balança em disputas que quase sempre se iniciam em casa. Existe uma batalha no fim da vida que os pais têm que travar, pois acabam envolvidos em disputa por causa de dinheiro, dinheiro esse que pertence aos progenitores.

Os idosos não compreendem a resistência dos filhos. Reconhecem que são capazes de tomar decisões, tais como escolher uma nova companheira, sem necessitar da sua aprovação: *“Eu sei aquilo que faço e, então, não tou cá a pedir conselhos aos filhos. Eu não faço coisas que não possa fazer! Eu juntei-me com esta mulher, foi uma*

coisa que eu na::: não pudesse fazer! Qualquer pessoa faz. É mais triste agora, é alguns andarem aí, casam-se e só aos beijos, casam-se hoje e manha e no outro dia, beijam-se, aqui não há gente dessa. E então isso é que é mais triste, agora a gente tar sozinhos, eu não tinha mulher, ela não tinha futuro nenhum, ela já não tinha futuro com o marido dela, ajuntámos. Pra mim e pra ela, foi amparar-mos um ao outro. Acho que não fiz nada que não pudesse fazer!”, (Luís, P3).

De facto, é natural que os filhos desejem que os pais vivam da melhor maneira possível contudo, os progenitores, não gostam quando os filhos se intrometem pois consideram comportamentos que poem em risco a sua autonomia e a independência, comprometendo assim a sua funcionalidade e produtividade.

Quando os idosos assumem um novo relacionamento, os filhos pensam que o pai, ou a mãe, perderam o juízo e que têm que ser orientados e obedecer aos seus sábios conselhos. Pensam saber o que é bom para os progenitores, mas podem conceber um abismo entre eles. Os filhos priorizam os seus desejos, deixando para trás a compreensão e a valorização das necessidades destes idosos. De facto, estamos longe de perceber que a velhice não é uma etapa final e onde só estaremos a aguardar a morte, mas sim, como mais uma nova etapa da vida de todos nós (Beauvoir, 1990).

O papel social do idoso é desenhado pelos mais jovens. São eles que desenham a estética da velhice: cuidam dos netos, vão buscá-los à escola, ficam com eles enquanto os pais vão de férias, fazem o lanche, etc. Os idosos não servem, simplesmente, para cuidar dos netos, têm uma vida, podem apaixonar-se, têm necessidades afetivas, etc.

Como anteriormente foi referido, alguns entrevistados tiveram que conversar com os filhos restringindo o seu envolvimento na relação amorosa até aprovação. Na pesquisa, constatou-se a dificuldade em abordar o assunto, pois o receio de os filhos não aprovarem a relação é enorme e, apesar de tudo, não conseguem ignorar a opinião destes jovens adultos. Os filhos desempenham um papel vital na vida dos idosos.

Para os idosos a reforma é caracterizada como uma fase em que o importante é descansar, passear, investir em si próprio, etc, contudo nem todos reagem da mesma maneira dependendo da sua auto-estima, a qual está ligada às interações familiares. É importante o apoio dos seus filhos, da sua família para que o idoso sinta um desejo de pertença e de funcionalidade para as gerações mais novas.

Também os vizinhos e amigos têm um importante papel na vida dos idosos. Josefa indica que, quando enviuvou, houve um senhor que a procurou inúmeras vezes com o objetivo de namorar, contudo nunca aceitou porque, os habitantes da aldeia, não gostavam dele: *“Engracei mais com este. Sei lá, engraçava mais com ele, parecia que havia de ser melhor pessoa. Agora aquele não! Lá em Évoramonte ninguém engraçava com ele.”*, (Josefa, P11).

Para Josefa é essencial que os vizinhos aprovem o novo companheiro para poder continuar a manter estas amizades. De facto, existem relações de amizade que os idosos consideram mais importantes que a própria família (Beck e Streib, 1980).

3.3. Questão 3 – Género

3.3.1. Existem diferenças vivenciadas na qualidade e poder no casamento/conjugalidade?

Os idosos, quando se reformam, vivenciam inúmeras modificações no curso de vida, por exemplo: a situação económica, a responsabilidade em prestar cuidados e alteração do estado de saúde (Bulanda, 2011). Estas modificações podem afetar o poder, no homem e na mulher, e a qualidade de um casamento/conjugalidade. Será que a maneira como essas modificações são encaradas variam de homem para mulher?

De acordo com Bulanda (2011) o casamento/conjugalidade é uma experiência diferente para o homem e para a mulher, pois enquanto, para ele, é marcada por uma grande satisfação, pelo poder e pela saúde mental, para ela, é marcado pelo declínio do estado de saúde e da felicidade e, também, o significado de perda de autonomia e de poder.

Nas sociedades tradicionais, o marido era o arrimo da família, tinha um grande poder numa relação conjugal, contudo quando se fala no “homem velho” já observamos diferenças nesse poder. Verifica-se um declínio do estado de saúde e começam a depender das companheiras para uma melhor qualidade de vida, pois já não vão têm a destreza que possuía: *“Se eu não for capaz de puxar as çarrinhas das botas, ela é que*

me faz isso, porque eu não sou capaz de chegar lá a baixo. Se for preciso vestir uma blusa, ela é que ajuda a vestir. Se é preciso dar banho, eu não sou capaz de lavar as costas, eu não sou capaz de lavar os pés, tem que ser ela. Foi isso tudo que pensei. Se eu tivesse sozinho, tinha que me virar, dáva aqui ao lar e elas faziam-me isso. Era a solução que tinha. E assim não, tá lá ela.”, (Luís, P3).

Os viúvos idosos estão mais propensos a casar novamente que as mulheres, tudo isso em função da possibilidade da sua nova esposa possuir melhor mobilidade que a sua e, pelo facto, das mulheres tratarem das suas necessidades domésticas. Este comportamento é impulsionador na promoção das desigualdades de género e, provavelmente ajudam a explicar o porquê da mulher ter pouco interesse em procurar um novo companheiro. Quando as mulheres experimentam a liberdade de não ter que cuidar, não ter que se preocupar com o marido, saboreiam uma nova forma de viver e não a querem deixar: *“Porque eu deixei de fazer a:: a minha vida, não é por uma questão de não ter tempo ou porque ele não queira, eu é que comecei... pronto, quer dizer, baralhei as minhas ideias e ainda não ando bem, ainda não ando bem, não ando, ainda tou baralhada. Não faço a minha vida como eu costumava fazer.”*, (Margarida, P7).

A escolha do local para onde o casal irá viver, também, é importante. Na pesquisa verificou-se que a casa da mulher é a escolha preferencial. Porquê?

Os estatutos sociais, tanto do homem e da mulher, observam-se através de imposições proveniente da relação da dominação e aos próprios dominantes, beneficiando desses mesmos comportamentos “controladores”, ou seja, são dominados pela sua dominação (Bourdieu, 1999). Os dominantes aplicam também comportamentos dominadores a si próprios, ao seu corpo, a tudo o que são e a tudo o que fazem e, geralmente ouvimos as mulheres dizer que o marido não toca na cozinha: *“Eu não deixo e não quero. Eu nunca fui habituada, o meu marido nunca me ajudou a nada porque não era hábito antigamente, e agora continuo com este. Então este passa o dia fora de casa, o que é que o homem vai fazer?! Eu digo para se sentar e descansar. Ele agora vê que todos já ajudam e também quer mas não vale a pena. Já não vale a pena! Se fôssemos novos... já fui adaptada assim e ele também.”*, (Margarida, P7). É evidente que, a mulher continua a ter um papel dominante em casa, no espaço privado.

Com a alteração de papéis atribuídos para a mulher, esta deixa de ser apenas a provedora de cuidados para os seus e os familiares do marido, o que veio a afetar principalmente o idoso (Lefèvre e Mazza, 2004). Anteriormente, a mulher cuidava da sua e da família do seu companheiro e, atualmente, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a conciliação do trabalho com a família é complicada de gerir. Vivemos numa sociedade onde queremos que as mulheres e os homens participem equitativamente nas responsabilidades familiares, objetivando uma diminuição da enorme carga que pesa sobre as mulheres visto que, Portugal é em dos países europeus com maior número de mulheres no mercado de trabalho (Guerreiro, 1998).

3.3.2. Solidão afeta mais o homem ou a mulher?

Existem autores a referir que os homens suportam menos a solidão que as mulheres, enquanto outros indicam exactamente o contrário. De acordo com Barbara Vinick (1978), os homens tem mais dificuldade em estar sozinhos e Vira Kivett (1978) indica que são as mulheres o grupo mais vulnerável.

Na pesquisa, verifica-se que as mulheres permanecem mais tempo sozinhas que os homens, talvez por serem mais independentes: “... *tão olha, eu faço o meu servicito em casa, faço as coisas. Tenho lá uma data de coisas para passar a ferro.*”, (Josefa, P11). Não podemos deixar de mencionar que as mulheres, de outrora, ficavam em casa a tratar das lides domésticas e o homem passava mais tempo fora, ou seja, na esfera pública. De facto, culturalmente, o casamento e a construção social da mulher eram definidas, em conformidade, com os interesses masculinos que contribuía para a reprodução do capital simbólico dos homens, ou seja, a sua masculinidade, a sua virilidade (Bourdieu, 1999).

A mulher, só, continua com a sua rotina, cozinha, trata das suas tarefas domésticas, enquanto o homem se sente um pouco perdido: “*Sentia-me realmente muito só. Os meus filhos convidavam-me: “Óh pai venha... vamos almoçar!”.* Todos os dias iam almoçar comigo, depois o meu neto mais velho ia dormir lá a casa e tal.”, (Francisco, P12). Edmundo, também sentiu a diferença quando ficou sozinho: “*(...) Naquela altura eu precisava mesmo de ter uma mulher em casa, não só para me fazer o serviço (...).*”, (Edmundo, P8).

Muitos idosos, sobretudo mulheres, vivem sozinhos. A esperança média de vida explica este fenómeno já que as mulheres portuguesas vivem, em média, mais seis anos que os homens. Existem, também, fatores de ordem social e cultural que explicam este isolamento no feminino.

Durante muito tempo, o papel da mulher portuguesa esteve confinado ao lar e à família o que a afastou dos fatores de socialização de que é exemplo o local de trabalho. Vemos com alguma facilidade um grupo de idosos do sexo masculino reunidos numa esplanada, num café, num banco de um jardim, mas não conseguimos encontrar, com a mesma facilidade, grupos de mulheres nas mesmas circunstâncias. Nos dias que correm conseguimos construir enormes e complexas redes sociais mas, depois, no dia-a-dia, somos confrontados com casos de solidão extrema, mesmo em frente à nossa porta.

Maria João sentiu-se muito só quando os filhos emigraram: *“Eu não tinha ninguém (...) Sentia-me sozinha. Os meus filhos estão lá para fora. O meu filho tá na Espanha. Tenho outro na Bélgica e o outro, que era o que cá tinha... olha foi-se embora pa::: pa fora também. E eu vi-me sozinha. (...) Já não tou sozinha, tou com ele pronto!”*, (Maria João P5). Também Anabela sentiu na pele o sentimento de isolamento: *“Sentia-me sozinha e nem tinha::: nem tinha, parece gost... de viver. Via as outras pessoas, riam, brincavam, cantavam e coiso e eu pensava assim... chegava-se a noite e metia-me aqui pra estes casarões sozinha, epá, não é uma vida triste?!”,* (Anabela, P10).

A noite produz um sentimento de solidão avassalador. Durante o dia, as mulheres estão ocupadas com as lides domésticas, visitam amigas e familiares contudo, quando cai a noite, parece que não tem fim. Todos dormem, o silêncio surge e o desespero apodera-se de quem nunca esteve só: *“Ia dormir com esta minha irmã que está lá muito mal lá em Évora. Morávamos perto uma da outra. (...) tava sozinha e odepois ia dormir à dela. Dormia em casa dela. Na minha casa, sozinha, é que não fui capaz. Não era capaz de maneira nenhuma de me meter lá em casa sozinha. (...)De dia, de noite ia à da minha irmã. De vez em quando, a minha irmã ia até lá, ali as minhas vizinhas iam até lá à de mim.”*, (Josefa, P11).

Podemos dizer que, é importante que as relações de vizinhança se mantenham através de inúmeros dispositivos de amizade e de solidariedade, para fazer face a estas situações de isolamento. Estas relações de proximidade são conseguidas em meios pequenos, contudo, nos bairros suburbanos, é difícil acontecer.

As sociedades contemporâneas são muito cruéis, as relações de vizinhança quebraram ou tendem a quebrar. Pensemos no dia-a-dia de uma família. Uma pessoa sai de casa e desloca-se para o seu local de trabalho e regressa ao final do dia, obviamente que não consegue conhecer os seus vizinhos e, por conseguinte, não consegue estabelecer uma relação social. Estas relações tendem a perder importância nos nossos dias, especialmente nos grandes centros urbanos.

O modelo de família está a alterar-se. Antigamente o idoso fazia parte da família e, agora, deixou de fazer. O abandono é uma imagem que nos surge na mente sempre que pensamos nos idosos pois, há uns anos atrás, quando a família era uma instituição forte e estável, o idoso não era alvo deste isolamento, esquecimento e marginalização (Pimentel, 2001).

Os homens parecem ter maior dificuldade, que as mulheres, em enfrentar a morte do cônjuge ou, até mesmo, enfrentar um divórcio pelo facto de se sentirem sozinhos. (Vinick, 1978). Mariano refere que, quando enviuvou, sentiu um enorme desgosto e que as dificuldades em ultrapassar foram enormes: *“O maior desgosto que eu tinha era, que eu tinha, era... enquanto andei vestido de preto. Cheguei a um certo ponto que não pude ver a roupa preta. Vestia a roupa preta... era um desgosto enorme. Depois, tive que a deixar pronto. Se não deixasse de vestir camisas pretas... eu não era capaz. (...)”*, (Mariano, P6).

3.3.3. Quem sofre mais com o preconceito?

A viuvez é um papel que se constrói socialmente (Barusch, 2008). Às viúvas, geralmente, não era permitido ser feliz. Os vizinhos e amigos ficam chocados quando o primeiro passo numa relação conjugal é dado pela mulher: *“(...) fui eu que me declarei a ele. Porque se fosse ele a declarar-se, se fosse ele a declarar-se a mim diziam assim: “Ele procurou-a!”. E assim fui eu que em declarei a ele. Fui eu que disse que estava apaixonada por ele, que gostava dele. As pessoas dizem: “Também, já foi um grande descaramento dizer ao homem que tava apaixonada por ele!”. É algum desprezo?! Eu acho que não é desprezo nenhum!”*, (Anabela, P10).

Numa sociedade mais fechada e que acentuava as diferenças entre os homens e as mulheres, os indivíduos do sexo feminino, se tivessem muitos parceiros, não eram mulheres para contrair matrimónio, mas sim para proporcionar aventuras fora do

casamento. Contudo, continua a ser socialmente aceite, os homens terem um alargado número de parceiros que as mulheres (Smith e Zick, 1988). Para os demais, esta situação viola as regras e normas do comportamento esperado de um indivíduo do sexo feminino e, sobretudo, nesta idade. Pensa-se que a pessoa endoideceu e que já não sabe a diferença entre o certo e o errado. Não é errado amar novamente, os indivíduos é que pensam que a memória do companheiro tem que ser preservada e, para que isso aconteça, a mulher não poderá voltar a ter outro relacionamento.

CONCLUSÃO

Assistimos ao fenómeno do envelhecimento demográfico ou populacional, ou seja, deparamo-nos com um aumento da população com 65 e mais anos de idade do que jovens com 15 no conjunto da população total (Carmo, 2001). O país vive com o problema de uma população envelhecida sem dar provas de regeneração.

Através dos testemunhos relativamente às experiências de conjugalidade dos vários participantes, desta pesquisa, e analisados com base à análise de conteúdo, proporcionaram o conhecimento e a compreensão dos motivos que levam os idosos a assumir um novo relacionamento. Permitiu-nos compreender, também, outras temáticas em redor deste objeto de estudo.

Com a confrontação dos dados e das análises efectuadas pode concluir-se que são diversos os motivos que levam os “velhos” a assumir uma nova relação conjugal.

Ficou explícito que alguns idosos se apaixonam. Não é por se encontrarem na terceira idade que não poderão voltar vivenciar uma nova experiência amorosa, pois as categorias etárias não são suficientes para aprisionar o amor e a paixão.

O prazer sexual também é um dos poderes motivacionais encontrados nas mulheres e nos homens (Gomes, 2006). Não há dúvida nenhuma que a sexualidade estabelece uma relação mais próxima entre o casal como foi referenciado. Com toda a certeza, o sexo tem uma componente biológica e também, a mais importante, uma componente social. Esta visão biopsicossocial permite-nos perceber a sexualidade.

Também podemos dizer que, para alguns idosos, o sexo deixa de ser a materialização da paixão, predominando o carinho e outros sentimentos nos idosos.

De facto, muitos casais enfatizam o papel instrumental de uma relação em idade tardia (Huyck, 2001). Ficou presente que o idoso necessita de um suporte emocional, ou seja, estima, apoio e segurança; e de um suporte instrumental, ou seja, necessita de alguém para que cuide e que preste cuidados.

Demos conta que, também, é importante, mais para o homem que para a mulher, ter um cuidador, ou seja, ter uma pessoa que cuide, que cozinhe, etc. Assim sendo, podemos verificar que, os homens são menos autónomos que as mulheres. Necessitam de alguém para fazer o serviço doméstico e de alguém que cuide deles como se de uma mãe se tratasse.

De acordo com as diferenças de género, de facto, através do casamento, o homem usufrui de uma melhor saúde e benefícios sociais que a mulher graças ao papel que a mulher, idosa, ainda faz questão em manter (Johnson, 1985).

Em conclusão, é importante também falar dos preconceitos para com as relações conjugais entre os idosos. Os filhos são aqueles que mais se opõem à relação (McKain, 1972), por isso, a decisão de assumir um novo relacionamento é constrangedora para os pais. Esta reprovação surge pelos seguintes motivos: receio de perder a herança familiar e por não quererem que uma pessoa estranha ocupe o lugar que havia pertencido ao seu progenitor.

Ainda existem tabus e preconceitos em torno do sexo na idade tardia. Muitos dos preconceitos sobre a sexualidade chegam dos mais jovens e dos adultos (McKain, 1993). O principal problema da existência destes tabus é a perda progressiva da actividade sexual na terceira idade e a campanha publicitária que é produzida de forma a vender a sexualidade como um património quase exclusivo da juventude (Pereira, 2007). Por isso, podemos dizer que a sexualidade está longe de ser encarada de forma saudável e admitida pelos familiares e pelos amigos (Feriancic, 2011).

BIBLIOGRAFIA

Aboim, Sofia (2013), “*Sexualidade dos Portugueses*”, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa.

Barusch, Amanda (2008), “*Love stories of later life: A narrative approach to understanding romance*”, Oxford University Press, Inc.

Barusch, Amanda (2012), “Intimacy in later life: Reflections on love and care”, *GCM Journal*, (22).

Beck, R. Wilkerson, Streib, Gordon (1980), “Older families: A decade review”, *Journal of Marriage and Family*, 42, (4), pp. 937-956.

Bourdieu, Pierre (1999), “*A dominação masculina*”, Celta Editora, Oeiras.

Bulanda, Jennifer R. (2011), “Gender, marital power, and marital quality in later life”, *Journal of Women and Aging*, 23, (1), pp. 3-22.

Butler, Robert N., Lewis, Myrna (2002), “*The new love and sex after 60*”, Ballantine Books, New York, 5ª edição.

Carr, Deborah (2004), “The desire to date and remarry among older widows and widowers”, *Journal of Marriage and Family*, 66, (4), pp. 1051-1068

Davidson, Kate, Graham, Fennell (2004), “*Intimacy in later life*”, Transaction Publishers, New Brunswick, New Jersey.

Feriancic, Marisa (2011), “Sexualidade e envelhecimento: uma questão a ser enfrentada”, *Revista Portal de Divulgação*, 11, pp. 29-34.

Flick, Uwe (2005), “*Métodos Qualitativos na Investigação Científica*”, Monitor, Lisboa

Gomes, Francisco A. (2006), “*Paixão, amor e sexo*”, Círculo de Leitores, Casais de Mem Martins, Rio de Ouro.

Guerreiro, Maria D. (1998), “*Trabalho, família e gerações*”, CIES/ISCTE, Lisboa.

Huyck, Margaret H. (2001), "Romantic relationships in later life", *Intimacy and Aging*.

Johnson, C. Leahy (1985), "The impact of illness on later-life marriages", *Journal of Marriage and Family*, 47, (1), pp. 165-172.

Kivett, Vira R. (1978), "Loneliness and rural widow", *The Family Coordinator*, 27, (4), pp. 389-394

Lee, Gary (1984), "Status of the elderly: Economic and familial antecedents", *Journal of Marriage and Family*, 46, (2), pp. 267-275.

Mauritti, Rosário (2004), "Padrões de vida na velhice", *Análise Social*, 19, (171), pp. 339-363.

Mazza, Márcia, Lefèvre, Fernando (2004), "A instituição asilar segundo o cuidador familiar do idoso", *Saúde e Sociedade*, 13, (3), pp. 68-77.

McKain, Walter C. (1972), "A new look at older marriages", *The Family Coordinator*, 21, (1), pp. 61-70.

Pimentel, Luísa (2001), "*O lugar do idoso na família: Contextos e trajetórias*", Quarteto Editora, Coimbra.

Schlesinger, R. Aber, Schlesinger, Benjamin (2009), "Canadian-Jewish seniors: Marriage/cohabitation after age 65", *Journal of Gerontological Social Work*, (52), pp. 32-47.

Strey, M., Mattos, F., Medeiros, P., Cardoso, L., Mello, D., Stefani, Mi., Torres, S. (1999), "Velhice e casamento, Vivências e Visões", comunicação apresentada no XXVII Congresso Interamericano de Psicologia, realizado no âmbito de uma pesquisa pelo Grupo de Pesquisas e Estudos sobre o Envelhecimento (PSICOGERON, dentro do Campo da Psicologia Social, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a 27 de junho a 2 de julho, Caracas, Venezuela.

Vasconcellos, D., Novo, R., Castro, O., Dury., K., Ruschel, A., Couto, M., Giami, P. (2004), "A sexualidade no processo de envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural", *Estudos de Psicologia*, 9, (3), pp. 413-419.

Vinick, Barbara H. (1978), “Remarriage in old age”, *The Family Coordinator*, 27, (4), pp. 359-363.

Watson, K. Wendy, Stelle Charlie (2011), “Dating for older women: Experiences and meanings of dating in later life”, *Journal of Women and Aging*, 23, (3), pp. 263-275.

Watson, Wendy K. Watson, Nancy, J. BELL, Charlie STELLE (2010), “Women narrate later life remarriage: Negotiating the cultural to create the personal”, *Journal of Aging Studies*, (24), pp.302-312.

Documentação consultada:

Instituto Nacional de Estatística (2011), “*Estatísticas Demográficas 2011*”, INE, Lisboa

ANEXO A

Guião da entrevista

Guião de Entrevista

Experiências de conjugalidade em idade tardia

Breve introdução:

Considerando que estamos diante de um panorama social que apresenta múltiplas conjugalidades que se constroem, se desconstroem e se reconstroem novamente, num ritmo acelerado, torna-se cada vez mais importante o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem a compreensão sobre as questões relacionadas com laços conjugais e às diversas situações conjugais contemporâneas.

Esta entrevista tem como objetivo conhecer, um pouco, as experiências de conjugalidades depois dos 65 anos e quais as motivações que levam um indivíduo a assumir uma nova relação.

Antes de mais gostaria de lhe dizer que os seus dados pessoais, nome, morada, telefone, nunca serão revelados nem registados. Todos os seus dados serão tornados anónimos. Para a colecta de dados, solicito a autorização para entrevistar com o auxílio de um gravador, caso contrário, não vou conseguir registar em papel, tudo o que formos conversando

<i>Parte I</i>

A - Caracterização sócio-demográfica

- Que idade tem?
- Qual o seu atual estado civil?
- Qual era a sua profissão?
- E qual a sua escolaridade?
- O que fazia o seu pai? Qual a última profissão que teve?
- E a sua mãe?
- E que escolaridades tinham/têm?
- E onde nasceram (concelho)?
- Tem irmãos e/ou irmãs? Quantos? Que idades têm?
- Quem são as pessoas com quem vive hoje em dia?

- E anteriormente vivia com quem?
- Se vivia sozinha, como ocupava o dia-a-dia?
- Sentia-se só? Porquê?
- Quantas experiências conjugais/casamentos teve?
- Quantos filhos tem? E qual a idade?
- Qual a sua religião?
- Com que frequência participa em atos de culto?

Informação sobre o Cônjuge:

- Que idade tem o seu cônjuge?
- Onde é que ele/ela nasceu? (concelho)
- Qual a escolaridade do/a seu/sua marido/mulher?
- Qual a profissão que possuía?
- E os pais dele/dela que escolaridade e que profissão tinham ou têm?
- Onde nasceu o senhor/senhora (concelho)?
- Qual a sua religião?
- Com que frequência participa em atos de culto?

<i>Parte II</i>

B – Experiências em anteriores casamentos:

Vamos agora falar sobre as suas anteriores relações, da vida em casal, dos namoros, etc.

- Que idade tinha quando começou a namorar?
- Conte onde e como conhecia os seus namorados?
- Essas relações foram duradouras?
- Fale-me um pouco desses namoros/relações. Como era a relação? O que faziam enquanto casal?
- Falando agora um pouco da relação dos seus progenitores, como era esse relacionamento? Como era o dia-a-dia dos seus pais?

- Costumavam/costumam fazer alguma coisa juntos como por exemplo ir ao café, jantar fora, estar com os amigos em comum?
- Enquanto casal, existia alguma prática de atividades recreativas? Se não, porquê?
- Ao nível do campo afectivo, como era/é a relação do seus pais? Porquê?
- Havia divisões de tarefas domésticas? O que fazia/faz o seu pai e a sua mãe?
- Existiam conflitos, divergência de ideias?
- Quando sucediam/sucedem esses episódios, como era/é a resolução?

Última conjugalidade:

- Como e onde foi que conheceu a sua mulher/marido/ companheiro/a?
- Que idade tinha então o seu marido/mulher?
- Que escolaridade tinha o seu marido/mulher?
- O que fazia profissionalmente o/a seu/sua marido/mulher quando se conheceram?
- Quando decidiu casar/coabitar com o seu anterior companheiro, o que achava importante numa relação conjugal? Porquê?
- Enquanto casal, como era o vosso dia-a-dia? O que faziam juntos? Iam ao café, praticavam alguma actividade recreativa, passeavam, etc?
- Destacando a relação conjugal, nomeadamente no campo afectivo, como a descreve? Porquê?
- Existia falta de comunicação emocional, ajuda e apoio afectivo? Porquê?
- Em casa, existia alguma divisão de tarefas? Explique como era.
- Existiam conflitos, problemas conjugais?
- Quando sucediam essas situações, como era a resolução?

<i>Parte III</i>

C –Relacionamento com o/a atual companheiro/a

- Qual a sua atual situação conjugal?
- Onde e como conheceu o/a sua/seu companheiro/a?

- Esperava voltar a viver ou a ter alguma relação afectiva estável? Porquê?
- Existiu algum namoro até resolverem viver numa situação conjugal?
- Qual dos dois e quando decidiram dar o segundo passo na relação? Porquê?
- Em qual das habitações decidiram morar? Na sua ou do/a seu/sua companheiro/a? Porquê?
- Fale-me um pouco dos motivos que o levou a assumir uma nova relação?
- Como foi esse refazer da vida a dois? Como foi a vossa adaptação à vida a dois, à mudança de hábitos, etc?
- No início, sentiu alguma dificuldade? Porquê?
- Como é o vosso dia-a-dia? Praticam alguma actividade de lazer, como por exemplo, em danças de salão, ginástica, etc?
- Comparando com o anterior relacionamento, o que pensa que mudou? Pensa que a idade alterou as suas atitudes, os seus comportamentos para com o/a novo/a companheira? Porquê?
- Existem situações de conflito?
- Quando surgem situações de conflito como as resolvem?
- Os conflitos e as divergências de ideias continuam a ser por motivos idênticos à da anterior situação conjugal?
- Comparando com a anterior relação, a nível afectivo como é a sua relação? Existe negligências nesse campo?
- No campo afectivo, o que mudou da anterior relação para actual situação conjugal? Existe mais ou menos apoio afectivo, mais carinho, mais conforto, etc.
- Acha que com o avanço da idade, as prioridades e aquilo que pensava ser importante numa relação alterou-se? Porquê?
- Neste momento, diga-me o que pensa achar importante numa relação conjugal? Porquê?
- Existe alguma divisão de tarefas domésticas?

<i>Parte IV</i>

D – Avaliação da experiência vivida

Vamos agora falar da reacção dos seus filhos e restantes familiares bem como a diferença que houve, ou não, na vivência da relação, no homem e na mulher.

- Enquanto homem/mulher, como experienciou esta nova conjugalidade depois dos 65 anos? Porquê?
- Comparando com o/a seu/sua companheiro/a, acha que a experiência foi semelhante? Pensa que o facto de ser homem/mulher a experiência é vivida de forma diferente?
- Quando assumiu uma nova relação conjugal, acha que as pessoas reagiram de maneira diferente por ser homem/mulher? Porquê?
- Teve dificuldade em assumir o seu novo relacionamento aos filhos? Porquê?
- Notou diferenças de comportamento, por ser filho ou filha quando receberam a notícia?
- Viveu algum constrangimento, por parte dos filhos e dos familiares ao ponto de ser impedido de viver uma nova relação afectiva?
- O que pensam e como vêem os seus amigos e os seus vizinhos a sua nova relação?

ANEXO B

Conteúdo das entrevistas

Quadro 5: Análise de conteúdo das entrevistas

Questão 1 FINALIDADES	Conteúdo
Romance	- “Tu já viste isto?! Até lê os velhos! Tão malucos da cabeça!”, P7. - “E sinto-me feliz! Eu sinto-me feliz. Mas feliz... é mesmo aquela felicidade que eu penso assim: “Agora com a idade que tenho é que eu sinto, é que eu sei o que é o amor e o que é o carinho!”, P10. - “Mas, a partir dessa data que ele soube que eu realmente não podia ter filhos, nunca mais... nunca mais foi aquele homem que me desse um apoio, que me desse um carinho, conforme eu tenho. Conforme eu tenho!”, P10. - “Já há quatro anos e vivo muito feliz. Vivo muito feliz, como nunca vivi vinte e nove anos.”, P10. - “(...) pelos vistos os velhos também se apaixonam, ah:::. Eu também me apaixonei! Eu também me apaixonei.”; “Foi uma coisa esquisita. Olhe, foi a única pessoa que me despertou foi ele, mas eu nunca tinha pensava em tal.”; “Era como se fosse um casal de jovens, era tão e qual. Era como se fossemos um casal de jovens só apetecia era agente andar juntos. Sempre juntos! Ainda hoje, a gente só lhe apetece.”, P7. - “Não se vai admirar, não se vá rir mas posso dizer que foi por paixão. Tive uma paixão extraordinária pela Marta. (...) Eu nunca pensei tar a passar isto.”; “Tinha também um grande entusiasmo, talvez agora seja um pouco mais devido à idade. Eu penso que isso tem muito a ver. As pessoas quando são mais velhas, eu penso que, nestas idades, a afectividade é uma coisa excepcional. (...) Quando somos mais velhos, somos mais... como é que eu hei-de dizer, somos mais maricas, maricas no bom sentido (risos). Somos mais... sentimos as coisas de outra maneira.”, P12 - “Foi, porque ele gostava de mim, eu gostava dele. Ele é muito bom pra mim, muito. Não posso dizer mal dele porque ele é muito bom pra mim. Correu tudo muito bem, porque eu gostava muito dele e ele gostava muito de mim. Gostava que o meu homem fosse assim também. (...) Este dá-me carinho e o outro não dava.”, P5 - ” Talvez porque não tem aqueles anos como muitos casais... muitas vezes, perdem o interesse.”, P12. - “É evidente que... o amor é o alívio com a tranquilidade do homem maduro e faz-se com a impetuosidade do adolescente. Acho que assim respondo a tudo, ou então grande parte. É diferente, é evidente. Casar com 20 anos como eu casei, ter determinadas perspetivas e só fazemos certas coisas, agora, a partir de uma certa idade, embora fosse a mesma situação mas mais calmamente. É evidente! Os anos passam, a gente também se vai modificando. Agora sou muito menos impetuoso, é simples.”, P9 - “Eu tenho-me dedicado grandemente. Eu muitas vezes... isto é um exemplo, eu chegava à loja e não telefonava à minha mulher. Uma das primeiras coisas que muitas vezes faço é telefonar: “Tão, tás? Levantaste-te bem?”. É aquelas coisas!”; “Quer dizer, eu hoje vivo com uma a:::, até com um desejo enorme de viver, talvez porque esta relação me tem feito muito bem.”, P12.
Sexualidade	- “Pronto, armou-se outra cama, cada um dormia na sua cama e não havia nada pra

	ninguém. Eu tive vinte e dois anos sem fazer sexo. Vinte e dois anos!”, “Mas, a partir dessa data que ele soube que eu realmente não podia ter filhos, nunca mais... nunca mais foi aquele homem que me desse um apoio, que me desse um carinho, conforme eu tenho. Conforme eu tenho!”, P10. - “A gente deita-se e normalmente, quando estamos os dois deitados, agarro a mão da minha mulher, e tou sempre a fazer festinhas na mão da minha mulher uma horazinha.”, P9. - “Nós temos uma certa idade, nós precisamos, a:::: Há pessoas que pensam quando se fala em amor, amor é sexo. Para algumas pessoas. E o amor não é só sexo, o amor é agente dar-se bem um com o outro, acarinhar-se um ao outro. Isso é que é ser amor. Fazer o outro feliz, a:::: darmos bem, partilharmos as as nossa preocupações, por exemplo, a gente reza e pede para os outros e faz tudo isso, acho que isso é:: é:: é que é amor. Porque em relação ao sexo, posso dizer o que é que hoje faz o meu marido com esta idade e eu também, pronto a::: a::: se calhar, mais nova, se calhar a parte sexual, tava muito mais activa do que agora. Porque agora, o amor é isto. Para nós, é o carinho, a amizade um com o outro.”, P1. - “Não tem as condições que um homem lhe exige. Não tem! Um homem quer manter relações com uma mulher, a mulher tem tem tem que ter condições para receber um homem. Ela não tem e é aqui que as coisas nunca correram bem. Nunca correram bem e::::, como direi?! E:::: quer dizer, foi ao segredo que se manteve e que só foi descoberto quando já não havia para se resolver porque, se fosse descoberto antes, este casamento, não se tinha feito.”, P8. - “Nós fazíamos tudo por tudo para arranjarmos filhos e ele não, não conseguia, pronto! E ele a partir daí... ele depois foi fazer exames e tudo e disse-lhe: “Você é uma pessoa normal, você pode arranjar filhos mas a sua esposa não”. A partir daí, ele começou-me a aborrecer. Começou-me a aborrecer e depois disse-me: “Ahm e tal, se eu soubesse que tu não arranjavas filhos nem valia a pena.”, P10. - “(...) não é aquela ligação como poderia de ter sido, julgo eu. A ligação tinha sido melhor, não foi, pronto paciência. Naquela altura, as relações era o principal, agora não. Agora já é diferente. Mas naquela altura, era muito importante até, era muito! Não era lá isto nem aquilo, era mesmo muito mas, pronto, paciência, perdeu-se tudo.”, P8. - “Um amigo meu é que me disse: “Você nem sabe o falatório que anda prá’i. A dizer que você toma vias e que foi parar ao hospital! Até os médicos lá disseram, tá lé a dose que ele tomou que aquilo não baixa”, P3. - “Quer dizer, há situações que são um bocado diferente (...) É evidente que havia uma dimensão com a primeira mulher completamente diferente, principalmente nos primeiros anos de casado, do que há agora com esta. É evidente! É natural. Aquilo que se fazia ou a::: que se faz agora, por exemplo, num mês fazia-se em 2 ou 3 dias. É uma questão quantitativa, é uma questão de ser melhor ou pior, quer dizer, é uma questão de quantidade.”, P9. - “Naquela altura, quando ela veio para mim, eu estava normal... estava normal, hoje
--	--

	as coisas tão diferentes. Eu tenho 81 anos, já não sou aquele homem que era, não tenho as forças que tinha. As coisas são diferentes. Naquela altura não! Naquela altura eu precisava mesmo de ter uma mulher em casa, não só para me fazer o serviço mas pra tudo, pra tudo.”, P8. - “Tudo muda. A idade tudo trás e tudo leva. É mais apreciado o carinho que nós damos um ao outro e o apoio do que é a outra parte. É mais importante nós darmos carinho um ao outro e:::... pronto, do que a outra parte sexual. Porque a idade é já diferente.”, P6. - “Esses aspetos que se dão mais importância é: a gente acarinharmos um ao outro agora porque somos velhos! Temos que nos acarinhar um ao outro. Lá pelas outras intenções, já não (...)”, P3. - “Eu não vou arranjar uma mulher nova, uma mulher com 40 ou 50, porque já não é mulher para mim. Então como é que eu vou satisfazer uma mulher com 40 ou 50?!”, P3.	
Companheirismo	Acarinhar	- “Tudo muda. A idade tudo trás e tudo leva. É mais apreciado o carinho que nós damos um ao outro e o apoio do que é a outra parte. É mais importante nós darmos carinho um ao outro e:::... pronto, do que a outra parte sexual.”, P6. - “Esses aspetos que se dão mais importância é: a gente acarinharmos um ao outro agora porque somos velhos! Temos que nos acarinhar um ao outro.”, P3 - “Durante o dia ia até à do meu filho e essas coisas assim. Agora assim á noite, em chegando a noite, uma pessoa vê-se sozinho em casa... muito triste! Tudo sossegadinho, vê-se a gente sozinhos, sem nada. É... é uma coisa que é muito triste a gente ver-se sozinhos assim, olhe, tenho aquela companha.”, P11 - “É muito triste a gente ficar sozinho, mas atão?! O que é que a gente há-de fazer?!”, P11 - “Eu comecei a pensar, a gente falávamos e ele dizia: “Um dia ponho um barão ao pescoço e quando pensam que tou vivo tou lá pendurado lá em casa!”, P10 - “ (...) andava sempre sozinho e olha:” Vou arranjar uma companheira!”, P3 - “E basicamente, tinha que tar acompanhado, na::: não havia razões de que não se tivesse. (...) Não me faltava uma coisa, faltava-me um disparate de coisas. Eu nasci pra casar, não nasci pra tar solteiro.”, P9
	Cuidador	- “ (...) de manhã ele abalava, nunca me procurava como tinha passado a noite, nem procurava se ainda não me tinha levantado, nem como é que passou a noite. O meu filho abalava para o trabalho e, se eu não me levantava de manhã, à hora que ele se levantava, chegava a tar oito dias sem o ver. E eu metia-me ali

		dentro de casa, era um... uma mosca que ali ficava. Algumas vezes eu disse, diante dele e dos outros meus filhos: “Eu se um dia aqui morrer... a minha mãe deitou-se já não se levantou, sozinha...ninguém me chega ali à janela do quarto e diz nada!”, P3 - “eu fiquei aqui a dormir, mas tive que desfazer a minha casa. Tive um desgosto tão grande. Desfazer a minha casa, chorava dia e noite por me ver aqui sozinha e ter deixado a minha casa. Tava habituada à minha... à minha privacidade, de estar sozinha e::: estava à minha vontade, não é verdade?! Pois, por amor de Deus, tinha um desgosto muito grande, embora fosse aqui bem tratada, mas pronto... não era a minha casa pronto!”, P2. - “Achei que estava aborrecida de estar aqui, que estava sozinha e fui para a “minha” casa outra vez. Estava habituada a estar na “minha” casa e foi mais isso que me fez fazer isso. O que me levou a fazer isso foi mais isso. Não gostava de me ver aqui acompanhada no quarto e tudo, eu estava habituada a estar sozinha. Pensei que era melhor ir para a “minha” casa outra vez, uma vez que já tinha companhia fui.”, P2.
	Partilha	- “Agora damos bem, tamos entendidos, fazemos a nossa vida normal e, também, ela coitada tinha uma vida... todos os dias levantava a reformazita dela e não chegava, hoje tem um migalheiruzito e só levanta metade da reforma. Nunca mais levantou a reforma dela. A minha chega e sobra bem.”, P6. - “Respeitou-me sempre, sempre. Respeitou-me sempre. Quando tomou a iniciativa de vir para dentro desta casa, nessa altura é que fizemos uma vida, fizemos uma vida, como qualquer casal. E realmente é uma pessoa muito boa, muito boa, muito opiniosa, muito trabalhador, muito respeitador e muito meu amigo. E eu muito amiga dele.”, P10. - “É evidente que... o amor é o alívio com a tranquilidade do homem maduro e faz-se com a impetuosidade do adolescente. Acho que assim respondo a tudo, ou então grande parte. É diferente, é evidente. Casar com 20 anos como eu casei, ter determinadas perspetivas e só fazemos certas coisas, agora, a partir de uma certa idade, embora fosse a mesma situação mas mais calmamente. É evidente! Os anos passam, a gente também se vai modificando. Agora sou muito menos impetuoso, é simples.”, P9.
	Escolher parceiro	- “Nunca, nunca tinha... convivências assim para esse ponto. Pois não... nunca chegava a ter. Tava na minha casa, não saía de lá. Depois comecei a sair, a vir e ir, a vir e ir, comecei a conhecer a

	pessoa.”, P2. - “Já a conhecia desde muito jovem. Até conhecia o marido da senhora, já falecido claro. Fomos sempre conhecidos.”,12. - “Eu não vou arranjar uma mulher nova, uma mulher com 40 ou 50, porque já não é mulher para mim. Então como é que eu vou satisfazer uma mulher com 40 ou 50?!” , P3. - “Não me arrependi porque procurei como era o porte dele, como era como não era, porque a gente não sabe... não vai querer um homem assim sem::... que não vale nada. Muita gente me dizia aí: “Ah, ele é muito boa pessoa”. Mesmo as vizinhas me diziam: “O Florival era muito bom para a mulher.”. Que eles conheciam a mulher e essas coisas todas.”, P11.
Questão 2 CONSTRANGIMENTOS	Conteúdo
	- “Quer dizer, há situações que são um bocado diferentes... como é que lhe hei-de explicar, não quero entrar assim numa situação que você não goste (...)”, P9. - “Naquela situação concreta dos meus filhos. Ela aí... eu tenho que lhe dar a volta com uma certa tranquilidade, na medida em que eu... na medida em que eu reconheço que ela tem razão, porque ela não tem culpa nenhuma que eu tivesse casado com ela. A::: e os meus filhos se tivessem a cabeça no lugar também não teriam, não estou a querer saber mais que toda a gente, mas entendo que um homem possa casar uma vez, 2, 3, 10, 20, o que quiser. Os filhos não têm nada que se opor. Eu se o meu pai e a minha mãe, tivessem ficado viúvos e tivessem casado ou ajudava-os logo de cara. “, P9. - “Aceitaram, aceitaram por isso. Porque a primeira mulher que eu tinha, a partir do momento, em que começou a beber e perdeu a noção do comportamento do comportamento das pessoas e começou a não agradar a ninguém. A minha família falava com ela, não ligava às pessoas, não tinha aquela... A minha família vinha cá, changavam aí, e: “Aí vem a ciganada! Parecem ciganos.”, e eu: “Aí é assim?! Não venham cá!”. Assim que eu casei com esta, bom... a minha casa encheu-se-me ali a casa de gente.”, P8. - “Eu envergonhei-me mas disse que não me ia juntar sem dizer aos meus filhos né?! Nem eu fazia isso.”, P11. - “(...) gostava mais, agora constrangimento não tenho nenhum. A verdade está do meu lado. Quando eu tenho a certeza absoluta, que a verdade está do meu lado, ninguém me move, ninguém me volta. Nem filhos, nem netos, nem ninguém. Agora é preciso é ter a verdade, ter a certeza que tou a 100% da verdade. (...) mas::: quando eu tenho a verdade toda do meu lado, tou-me nas tintas para a Gisela. É como eu quero, não é como ela quer. Nem pensar!”, P9. - “Tou na casa do meu filho. As casas são dele. Ele tá na minha casa.”, P11. - “Óh, porque me vêem outra no lugar da mãe!”, P1. - “(...) ele vai, e telefonou-me, e disse-me, então, assim: Óh pai... vossemecê foi deitar a mulher na cama onde a minha mãe se deitava, acha bem?”, P3.

	- “A minha filha Gisela disse logo: “Pai...!”. Chorou, trinta por uma linha mas, também é próprio das senhoras, são mais sensíveis: “Óh pai, isto com o tempo passa-me. Agora custa-me muito! Lembro-me muito da mãe.””, P9. - “E depois o meu filho, isto é a contar a realidade, e depois queria 50€, por mês, para a mulher lá dormir e eu disse-lhe: “Não, isso não pode ser! (...) A cama é a mesma, a mulher não te faz aqui afronto nenhum! Queres 50€ mas eu não tos dou!”. Mas, ao fim de três meses, ao fim de três meses, é que ele apertou comigo... para lhe dar o dinheiro e, eu, di-lhe o dinheiro daqueles três meses, para não haver mais coisas.”, P3 - “Porque eu cortei-lhe o cartão multibanco. Eu levantava o dinheiro mas, mesmo o dinheiro que lá deixava era para a luz. Levantava, dava-lhe. Subsídio de natal... se fosse só a minha filha que lá tivesse! Mas, assim não! Depois cortei-o. Ela telefonou logo pra lá. (...) Agora nunca mais me ligou. Deixa-a! Quando fui cortar o multibanco ela disse: “Andas cheio, andas cheio por essa mulher! Andas cheio por essa mulher!”. Eu nem uma nem duas. (...) Agora sobra sempre dinheiro. Se fosse só a minha filha, eu deixava lá... mas agora ajuntou-se com a mãe porque o outro, lá, morreu.”, P4. - “Os meus filhos pensavam que ela gastava tudo, agora já não. Já viram isso ao contrário, porque eles... queriam-me levantar o dinheiro que tinha, que tava em nome meu e deles, e o mais velho andava sempre de posse do mais novo para me alevantarem o dinheiro (...) e eu fui tirar o nome deles que tinha lá.”, P6. - “Por exemplo, as mais amigas, já me têm vindo dizer certas coisas. As pessoas criticam sempre. Isto, o mundo, continua na mesma. (...) Criticam-se todas umas às outras e muito. Continua na mesma. Umas pensam que eu fui... que fiz um bom negócio, um bom negócio que eu fiz.”, P7. - “Eu sei aquilo que faço e, então, não tou cá a pedir conselhos aos filhos. Eu não faço coisas que não possa fazer! Eu juntei-me com esta mulher, foi uma coisa que eu na:: não pudesse fazer! Qualquer pessoa faz. É mais triste agora, é alguns andarem aí, casam-se e só aos beijos, casam-se hoje e manha e no outro dia, beijam-se, aqui não há gente dessa. E então isso é que é mais triste, agora a gente tar sozinhos, eu não tinha mulher, ela não tinha futuro nenhum, ela já não tinha futuro com o marido dela, ajuntámos. Pra mim e pra ela, foi amparar-mos um ao outro. Acho que não fiz nada que não pudesse fazer!”, P3. - “Engracei mais com este. Sei lá, engraçava mais com ele, parecia que havia de ser melhor pessoa. Agora aquele não! Lá em Évoramonte ninguém engraçava com ele.”, P11.
Questão 3 GÉNERO	Conteúdo
Diferenças na experiência	- “Se eu não for capaz de puxar as çarrinhas das botas, ela é que me faz isso, porque eu não sou capaz de chegar lá a baixo. Se for preciso vestir uma blusa, ela é que ajuda a vestir. Se é preciso dar banho, eu não sou capaz de lavar as costas, eu não sou capaz de lavar os pés, tem que ser ela. Foi isso tudo que pensei. Se eu tivesse sozinho, tinha que me virar, dáva aqui ao lar e elas faziam-me isso. Era a solução que tinha. E assim não, tá lá ela.”, P3. - “Porque eu deixei de de fazer a:: a minha vida, não é por uma questão de não ter

	tempo ou porque ele não queira, eu é que comecei... pronto, quer dizer, baralhei as minhas ideias e ainda não ando bem, ainda não ando bem, não ando, ainda tou baralhada. Não faço a minha vida como eu costumava fazer.”, P7. - “Eu não deixo e não quero. Eu nunca fui habituada, o meu marido nunca me ajudou a nada porque não era hábito antigamente, e agora continuo com este. Então este passa o dia fora de casa, o que é que o homem vai fazer?! Eu digo para se sentar e descansar. Ele agora vê que todos já ajudam e também quer mas não vale a pena. Já não vale a pena! Se fôssemos novos... já fui adaptada assim e ele também.”, P7.
Quem é mais afetado	- “... tão olha, eu faço o meu servicito em casa, faço as coisas. Tenho lá uma data de coisas para passar a ferro.”, P11. - “Sentia-me realmente muito só. Os meus filhos convidavam-me: “Óh pai venha... vamos almoçar!”. Todos os dias iam almoçar comigo, depois o meu neto mais velho ia dormir lá a casa e tal.”, P12. - “(...) Naquela altura eu precisava mesmo de ter uma mulher em casa, não só para me fazer o serviço (...)”, P8. - “Eu não tinha ninguém (...) Sentia-me sozinha. Os meus filhos estão lá para fora. O meu filho tá na Espanha. Tenho outro na Bélgica e o outro, que era o que cá tinha... olha foi-se embora pa::: pa fora também. E eu vi-me sozinha. (...) Já não tou sozinha, tou com ele pronto!”, P5. - “Sentia-me sozinha e nem tinha::: nem tinha, parece gost... de viver. Via as outras pessoas, riam, brincavam, cantavam e coiso e eu pensava assim... chegava-se a noite e metia-me aqui pra estes casarões sozinha, epá, não é uma vida triste?!”, P10. - “Ia dormir com esta minha irmã que está lá muito mal lá em Évora. Morávamos perto uma da outra. (...) tava sozinha e odepois ia dormir à dela. Dormia em casa dela. Na minha casa, sozinha, é que não fui capaz. Não era capaz de maneira nenhuma de me meter lá em casa sozinha. (...) De dia, de noite ia à da minha irmã. De vez em quando, a minha irmã ia até lá, ali as minhas vizinhas iam até lá à de mim.”, P11. - “O maior desgosto que eu tinha era, que eu tinha, era... enquanto andei vestido de preto. Cheguei a um certo ponto que não pude ver a roupa preta. Vestia a roupa preta... era um desgosto enorme. Depois, tive que a deixar pronto. Se não deixasse de vestir camisas pretas... eu não era capaz. (...)”, P6.
Quem sofre de maior preconceito	- “(...) fui eu que me declarei a ele. Porque se fosse ele a declarar-se, se fosse ele a declarar-se a mim diziam assim: “Ele procurou-a!”. E assim fui eu que em declarei a ele. Fui eu que disse que estava apaixonada por ele, que gostava dele. As pessoas dizem: “Também, já foi um grande descaramento dizer ao homem que tava apaixonada por ele!”. É algum desprezo?! Eu acho que não é desprezo nenhum!”, P10.

CURRICULUM VITAE

Europass Curriculum Vitae



Informação pessoal

Nome	Silva Martins, Marta Sofia da
Morada	Bairro do Bacelo, rua do Eucaliptal nº19 7005-427 Évora
Telefone	964693116
Correio electrónico	marta_martins_85@hotmail.com
Nacionalidade	Portuguesa
Data de nascimento	03 de Junho de 1985

Formação Académica

Datas (de – até)	17/09/2012 a 15/07/2013
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa
Designação da Qualificação atribuída	Pós-graduação em Sociologia – Especialização em Família
Datas (de – até)	21 de Outubro de 2011
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	Fundação CEFA – Fundação para os Estudos e Formação Autárquica
Designação da Qualificação atribuída	Formação Inicial na Administração Local
Datas (de – até)	De 06/04/2011 a 17/05/2011
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	I.Zone Knowledge Systems, S.A – Centro de Formação em Évora
Designação da Qualificação atribuída	Formação Pedagógica Inicial de Formadores

Datas (de – até)	De 19/03/2011 a 26/03/2011
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	FormaOpção – Centro de Formação em Lisboa
Designação da Qualificação atribuída	Técnica de RVCC
Datas (de – até)	De 05/03/2011 a 12/03/2011
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	FormaOpção - Centro de Formação em Lisboa
Designação da Qualificação atribuída	Mediadora de Cursos EFA
Datas (de – até)	18 e 19 de Janeiro de 2011
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	Fundação Eugénio de Almeida
Designação da Qualificação atribuída	Workshop: “Ser Voluntário”
Datas (de – até)	07 de Maio de 2010
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	Instituto da Droga e da Toxicodependência, I.P – CRI de Évora
Designação da Qualificação atribuída	Agentes Facilitadores: Redução de Riscos em Contextos Recreativos
Datas (de – até)	Nos dias 8 e 9 de Dezembro de 2009 e 19 de Fevereiro de 2010
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	ADA – Associação de Desenvolvimento, Acção Social e Defesa do Ambiente
Designação da Qualificação atribuída	Educação Parental “Mais Família”
Datas (de – até)	De Setembro de 2007 a Julho de 2010
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	Universidade de Évora
Principais disciplinas/competências profissionais	<i>Participação, Negociação e Gestão de Conflitos; Exclusão e Políticas de Integração Social; Problemas Sociais Contemporâneos; Planeamento e Gestão de Projectos; Sociologia do Planeamento Regional e Local; Desenvolvimento de Recursos Humanos; Demografia; Métodos e Técnicas de Investigação social; Sociologia das Organizações; Sociologia do Trabalho; Administração Pública e Procedimentos Administrativos.</i>
Designação da Qualificação atribuída	Licenciatura em Sociologia – Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento
Datas (de – até)	De 13 a 29 de Janeiro de 2010
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	Núcleo de Formação Contínua na Casa Cordovil - Évora
Designação da Qualificação atribuída	Coordenação de Equipas de Trabalho

Datas (de – até)	De 02 a 17 de Dezembro de 2009
Nome e Tipo de Organização de Ensino ou de Formação	Núcleo de Formação Contínua na Casa Cordovil - Évora
Designação da Qualificação atribuída	Liderança e Gestão de Pessoas
Experiência Profissional	
Datas (de – até)	De 01/06/2011 a 31/05/2012
Função ou cargo ocupado	Estágio Profissional, em contexto real de trabalho, na área da Sociologia
Principais actividades e responsabilidades	Actividades correspondentes aos objectivos inicialmente definidos no estágio, nomeadamente as referentes ao tratamento de questionários de avaliação de serviços, à actualização do Plano de Desenvolvimento Social e respectivo Plano de Acção e à execução das acções do Plano de intervenção global da Divisão de Desenvolvimento Económico e Social, tendo sido aprovada com a classificação de 19,2 valores.
Nome e morada da entidade empregadora	Câmara Municipal de Portel – Praça D. Nuno Álvares Pereira 7220 - 375 Portel
Datas (de – até)	De 01/10/2010 a 20/05/2011
Função ou cargo ocupado	Operador de Caixa
Nome e morada da entidade empregadora	Pingo Doce – Distribuição Alimentar SA Avenida D ^a Leonor Fernandes 1, 7005 Évora
Datas (de – até)	De 05/01/2007 a 05/002/2009
Função ou cargo ocupado	Operador de Caixa
Nome e morada da entidade empregadora	Pingo Doce – Distribuição Alimentar SA Avenida D ^a Leonor Fernandes 1, 7005 Évora
Datas (de – até)	De Janeiro de 2004 a Fevereiro de 2005
Função ou cargo ocupado	Empregada de balcão
Nome e morada da entidade empregadora	Loja das Sopas, Av. da Descoberta, 59 – Piso 3 Galeria Alto da Barra, Évora
Datas (de – até)	De 2003 a 2004
Função ou cargo ocupado	Operária Fabril
Nome e morada da entidade empregadora	Tyco Electronics, Estrada de Almeirim Apartado 55, 7005 Évora

Aptidões Competências Sociais/Organizacionais

Participação no Encontro – Presente no Futuro – nos dias 14 e 15 de Setembro de 2012, no Centro Cultural de Belém.

Realização de Projecto Investigação em 2010 – Elaboração e Aplicação de entrevistas para verificar qual o tipo de motivação que leva os alunos a ingressar nos Centros Novas Oportunidades.

Realização de Projecto Investigação em 2010 – Elaboração e aplicação de Questionários Directos a alunos do 9º ano de escolaridade da Escola Básica de Conde Vilalva e do 12º ano da Escola Profissional da Região do Alentejo (EPRAL) tendo como principal objectivo verificar as representações sociais que possuem sobre a Etnia Cigana.

Em 2009, participei na Conferência do NESUE (Núcleo de Estudantes de Sociologia da Universidade de Évora).

Em 2009, a convite da Universidade Católica Portuguesa em Viseu, participei num Projecto de Investigação – Elaboração e Aplicação de Questionários Directos para aferir o nível de satisfação, dos habitantes do Município de Estremoz, para com os serviços e condições habitacionais existentes.

Participação, no ano 2008, no Programa de Voluntariado “Jovens Frente ao Fogo” que decorreu no distrito de Évora com dois principais objectivos: assegurar postos de vigias cruciais para a detecção de fogos florestais e sensibilizar a população para os riscos e prevenção dos mesmos.

Participação nas IX Jornadas de Sociologia em 2007.

Competências adquiridas/aprofundadas: Boa capacidade de comunicação, Relações interpessoais; Relacionamento com entidades externas; Organização e Modelos de equipas; Cumprimento de prazos; Iniciativa. Perspectiva global; Raciocínio lógico; Criatividade; Determinação.

Aptidões e Competências Técnicas

Informática na óptica do utilizador (Word, Excel, Power Point, Page Maker, Internet);

Conhecimento na aplicação SPSS (Statistical Package for the Social Sciences);

Conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura e em contexto informal.

Carta de Condução

Categoria B

Informação Adicional

Gosto em conhecer novos locais e novas culturas;

Gosto por música, leitura, cinema, actividades desportivas;

Relativa facilidade na adaptação a vários meios;